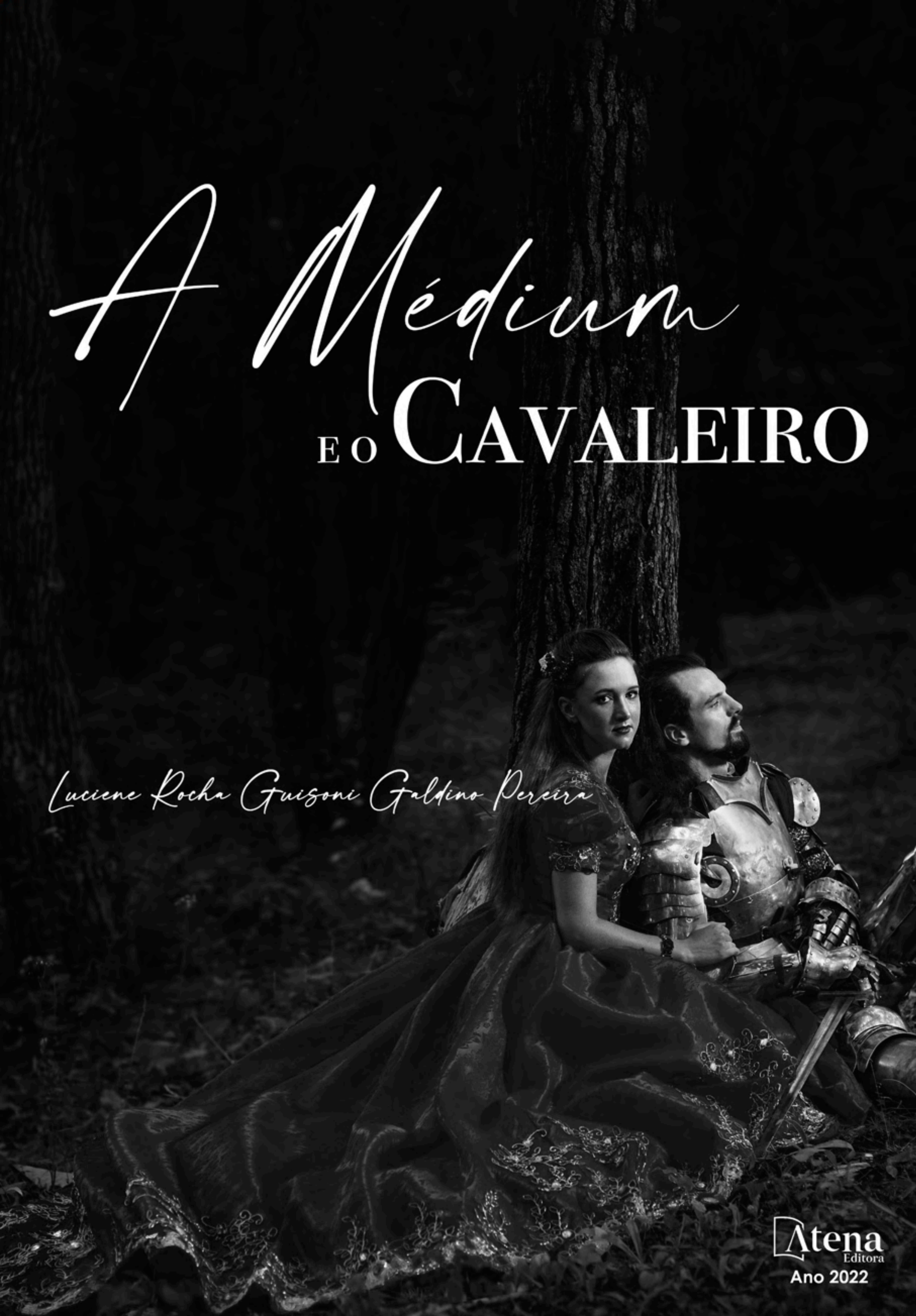

A Médium
e o Cavaleiro
Luciene Rocha Guisoni Galdino Pereira
Atena
Editora
Ano 2022

A Médium e o Cavaleiro

Luciene Rocha Guisoni Galdino Pereira



Atena Editora

Ano 2022

Editora chefe
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Editora executiva
Natalia Oliveira
Assistente editorial
Flávia Roberta Barão
Bibliotecária
Janaina Ramos
Projeto gráfico
Bruno Oliveira
Camila Alves de Cremo
Daphynny Pamplona
Luiza Alves Batista
Natália Sandrini de Azevedo
Imagens da capa
iStock
Edição de arte
Luiza Alves Batista

A médium e o cavaleiro

Diagramação:	Bruno Oliveira
Correção:	Maiara Ferreira
Indexação:	Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão:	A autora
Autora:	Luciene Rocha Guisoni Galdino Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G988 Pereira, Luciene Rocha Guisoni Galdino
A médium e o cavaleiro / Luciene Rocha Guisoni Galdino Pereira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-0328-9
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.289221407

1. Ficção. 2. Literatura brasileira. I. Pereira, Luciene Rocha Guisoni Galdino. II. Título.

CDD 869.93

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

LINGUÍSTICAS, LETRAS E ARTES

Atena Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DA AUTORA

A autora desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce,* ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

SUMÁRIO

RESUMO

Tudo começou em um pequeno feudo da Inglaterra do séc. XIII onde a nobreza imperava com seus abusos e na subserviência dos camponeses, em nome do poder temporal aumentando seu prestígio e suas riquezas. A Igreja também se enriquecia a custa do trabalho dos camponeses permanecendo fiel aos interesses do feudalismo reinante angariando com isto títulos, terras e minerais preciosos. Neste pequeno feudo residia uma moça com uma estória muito, muito peculiar. Seus pais receberam do Rei os títulos de Duque e Duquesa e a concessão de usufruir e controlar aquelas terras, eles ajudavam a igreja com grande porcentagem em moedas, uva, trigo e aveia, portanto os dogmas da igreja eram leis para eles que poderiam fazer o que fosse preciso para exterminar toda e qualquer suspeita de “possessão demoníaca” de suas terras. Mal sabiam eles que sua única filha havia nascido com o poder de se comunicar com os “mortos”, além de outros, por isso eles a condenaram, tal condenação levará aos acontecimentos que iremos narrar nesta estória emocionante e intrigante da vida da moça chamada Leonora.

Esta estória se passou por volta do ano de 1228, deste mesmo século, na Inglaterra medieval...

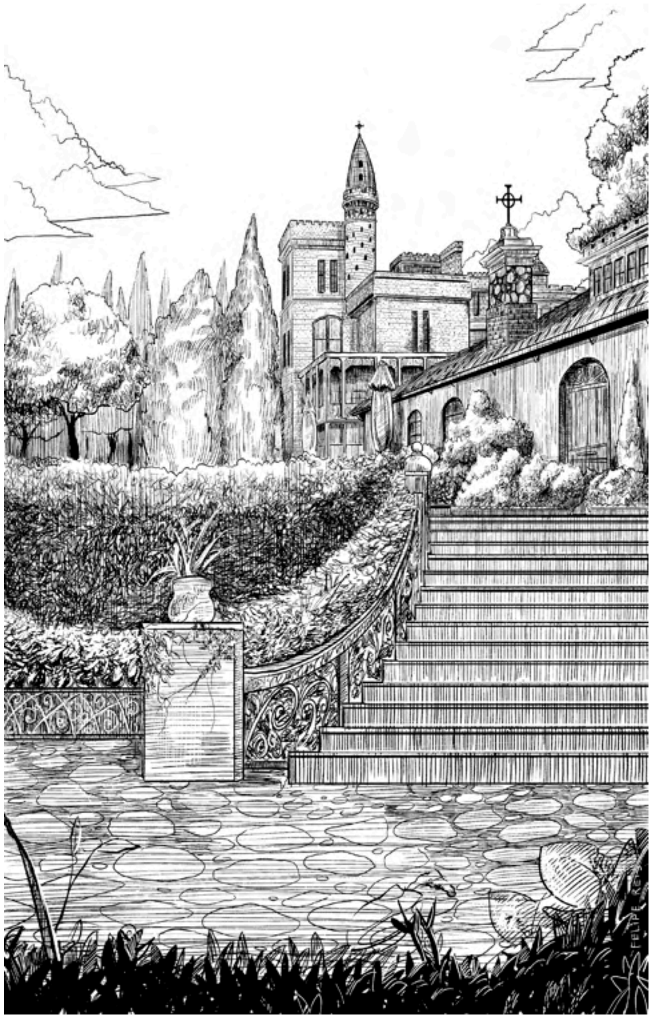
PRIMEIRA PARTE

Yorkschire era o nome do local onde havia um castelo em um pequeno feudo pertencente a uma família nobre; O Duque um senhor austero, alto, magro, de face pálida onde os anos de vida deixaram marcas visíveis, a Duquesa uma mulher de pouco mais de trinta anos aparentemente conformada com a vida de obediência ao marido e, sua única filha, Leonora uma jovem com seus dezoito anos de idade, alegre, passiva e que gostava do contato com a natureza tendo, para com os servos que trabalhavam no castelo, simpatia e comiseração. Esta jovem tinha sua face rosada, olhos claros, seus cabelos eram longos, cacheados da cor do sol, faziam brilhar o dia de quem os olhasse. Sua beleza contagiava a todos, mas seu jeito de ser contagiava ainda mais.



Entre os servos que trabalhavam no castelo estavam Leocádia e Josef que faziam parte da vida desta família nobre desde longa data, pessoas muito honestas que serviam

fielmente aos pais da jovem (como todos os outros servos no pacto de fidelidade que fizeram com o Duque) mantendo uma estreita amizade com a filha do Duque sem que os nobres disso soubessem. A jovem Leonora nascera com uma beleza ímpar, mas apresentava traços de uma personalidade incomum, especial. Aquele casal de servos sabia da peculiaridade da jovem moça, que sofria com o desconhecimento dos pais devido à sua característica xque frequentemente frequentavam o castelo viessem, a saber, daquilo que ela guardava em segredo, revelando apenas para seus fieis confidentes; Leocádia e Josef. Ao redor do grande castelo, com duas torres e muitos corredores que davam acesso aos quartos e outras dependências, havia um florido jardim onde a jovem moça se refugiava na companhia de “Dote” um cão que vivia solto pelas redondezas. Ali, ela permanecia por mais tempo que podia entrando em casa somente para as refeições, o banho e para dormir, ou quando seus pais requisitavam sua presença. Sua vida transcorria de forma rotineira sem muitas novidades, exceto quando seu poder se aflorava. Seus amigos, Josef e Leocádia tinham funções bem definidas, Josef cuidava do jardim, dos animais, abastecia a dispensa da cozinha com cereais, frutas e vinho. Leocádia cuidava do preparo das refeições, da organização da cozinha, e da arrumação dos quartos. No jardim havia flores, um pequeno gramado e um córrego de água cristalina que escorria por entre as plantas, refrescando todo o local desaguando no foço que circundava o castelo.



Neste ambiente verde e de tranquilidade Leonora podia cantar as canções que embalavam seu ser, e sonhar, sonhar que um dia seus pais a aceitassem como ela era totalmente. Leonora sentia arrepios e calafrios sempre que sentia a "presença" de alguém que havia morrido. Ela tinha o dom de ver, ouvir e sentir os "mortos" se refugiando em seu quarto quando este dom aflorava. Mas, voltando há alguns anos atrás, vamos encontrar a menina Leonora com, aproximadamente, dez anos de idade correndo atrás das borboletas no jardim do castelo, algo que ela fazia quase todas as tardes antes de se lavar para fazer a ceia junto com seus pais. Seu nascimento fora igual a qualquer criança seja da nobreza ou do campo. Após o parto de Leonora a duquesa se sentira muito mal por uns meses, muita fraqueza e dores no ventre, o monge que sempre visitava a família orava por ela na tentativa de curá-la, o duque não sabia o que fazer a não ser confiar nas rezas do monge. A criança era cuidada por Leocádia até que a duquesa ficasse curada de uma anemia

profunda, aquele mal era desconhecido por todos. Leocádia levava a recém-nascida para ser amamentada. Quando a duquesa se recuperou, a decisão de não criar mais filhos foi acatada pelo duque. A igreja receitou repouso e comida com bastante carne para a doente em convalescência. Os meses se passaram até que a criança pode ficar com sua mãe em seu quarto. Leonora crescera forte e saudável, todos se encantavam com seu sorriso, sua mãe a tratava com todo carinho, mas sempre deixava a criança aos cuidados da serva de confiança quando o duque exigia sua presença. E assim foi o seu crescimento, tranquilo e sem maiores acontecimentos. Em seus quinze anos, Leonora ainda se portava como uma criança grande, tímida e alegre com a natureza, porém seu pai havia feito um acordo com um nobre da região pelo compromisso com o casamento de Leonora com o filho do meio daquele nobre. A duquesa, sem poder contrariar seu senhor e marido, nada poderia fazer, mas não queria que sua única filha se retirasse de casa com aquela idade, ela sabia do costume da nobreza, mesmo assim preferia ter sua filha por mais tempo ao seu lado.

O duque havia mandado preparar uma ceia para receber o nobre e seu filho do meio, mandara que Leonora se vestisse adequadamente para a ocasião, a duquesa dera ordens aos servos para servirem um cervo, frutas, vinho e pães. O grande salão recebeu a luz das velas, a mesa de madeira grande com toda a comida ficara enfeitada com flores do jardim a pedido de Leonora, e a ceia teve prosseguimento. Os olhares do jovem rapaz para Leonora deixava seu interesse por ela a mostra, o duque, muito satisfeito, combinava com o nobre a união e os festejos do jovem casal, a duquesa segurava na mão de sua filha em uma atitude de reconforto. Durante aquela ceia a jovem Leonora não pronunciou nenhuma palavra, mas de seus olhos escorriam lágrimas de tristeza, foi quando o rapaz perguntou a ela o que estava acontecendo e então, Leonora levantou os olhos e disse a ele que ela não poderia casar com ele porque não o amava, e nem gostaria de se casar porque teria muitas coisas a fazer pelas pessoas. Quando Leonora estava respondendo à pergunta do rapaz todos se entreolharam admirados com a atitude, nenhum pouco comum, daquela jovem, o duque ruborizou sua face raivosa, levantou-se de sua cadeira de madeira maciça esbravejando ferozmente com sua filha, o pai do jovem rapaz se enfureceu jogando o talher na mesa e dizendo a seu filho para se retirarem dali, a duquesa tentou proteger sua filha da ira de seu senhor, Leocádia, assustada, correu para o pátio. Leonora nada fez, continuou assentada em sua cadeira com a cabeça abaixada, ela sabia que tudo aquilo iria acontecer, mas não poderia se casar sem amor. O duque pediu desculpas ao nobre por aquela postura atrevida de sua filha, mas o nobre não aceitou suas desculpas se retirando com seu filho daquele castelo onde recebera a humilhação de uma jovem mulher que deveria apenas, obedecer. Ao sair do castelo o nobre e seu filho fizeram ameaças contra o duque pela posse de mais terras naquele feudo, a disputa por terras entre aqueles nobres feudais se fazia antiga, a união das famílias pelo casamento de seus filhos seria o ponto vital para que eles pudessem atingir os seus interesses em comum acordo. A atitude de Leonora pusera

fim neste acordo entre seu pai e o nobre rival. Ao entrar no salão o duque se dirigiu diretamente à Leonora, puxou seu braço retirando-a da cadeira, jogou a jovem ao chão e quando foi arremessar um golpe com o pé em seu corpo a duquesa se colocou em sua frente gritando com o duque para que parasse de machucar sua filha. O duque fez menção de bater na duquesa com a força de seu braço, desta vez foi Leonora quem defendeu sua mãe, ela se levantou e segurou o punho de seu pai com uma força estranha que nem ela mesma sabia que possuía. O duque não conseguia se soltar, a força de Leonora em seu punho fez seu braço torcer, a dor faria o duque olhar com estranheza para Leonora, a duquesa chegara perto de sua filha e, com uma voz embargada por aquela noite de terror em seu castelo, suplicou para que sua filha soltasse o punho de seu pai, a jovem olhou para sua mãe e sentiu que algo diferente tomara conta de sua mente, ela soltou o punho do duque e correu para seu quarto gritando e chorando. Naquela noite o duque dormira no salão, em sua cadeira de madeira maciça, a duquesa em seu quarto a orar, e os servos recolheram toda a comida, e se retiraram para sua casinha. Leonora, depois de chorar muito desfaleceu amargurada. No dia seguinte, o duque mandou a serva chamar Leonora, Leocádia se dirigiu ao quarto da jovem, mas ela não estava lá, se dirigiu ao jardim e encontrou a jovem com seu cachorro Dote, o recado fora dado, Leonora encontrou o duque no estábulo e este dissera para ela que por enquanto iria recusar qualquer acordo de casamento, mas que quando completasse dezoito anos de idade o casamento arranjado por seu pai iria acontecer de qualquer jeito, nem que para isso a força pudesse ser usada. Os anos foram se passando até que Leonora atingiu os dezoito anos de idade, sua vida transcorria de forma rotineira, porém um acontecimento inusitado iria marcar a vida de seu pai. Era um dia comum, que seguia tranquilo com os servos realizando suas tarefas, sua mãe a vigiá-la de longe, da janela de seu quarto, e o Duque, que estava no celeiro, passando em revista a colheita do trigo, a refeição estava sendo preparada por Leocádia e seu companheiro Josef cuidava dos cavalos no estábulo. Leonora cantarolava uma de suas canções favoritas, havia aprendido algumas canções com sua mãe, seus cabelos amarelos e longos brilhavam sob a luz do sol, nada poderia entristecer aquela menina especial, a não ser pelo que estava para acontecer. No celeiro a contagem dos feixes de trigo ia bem até que uma dúvida se apoderou na cabeça do senhor feudal, ele pediu ao servo que o acompanhava para reiniciar a contagem dos feixes, o servo obedeceu e recomeçou o trabalho novamente, com os olhos do seu senhor a vigiar ele, de repente se perdeu na contagem pedindo ao duque para recomeçar a contar pela terceira vez e o duque, desconfiado, ignorou aquele pedido começando a acusar aquele servo de ladrão. As acusações foram aumentando, o tom de voz ficara ameaçador, o servo, de cabeça baixa pedia clemencia a seu senhor, mas em vão porque o duque mandou que ele saísse do celeiro e ficasse no pátio esperando por seu castigo. Logo, muitos servos se alarmaram com a cena que se seguia à frente de todos, e com os olhares assustadores assistiram ao duro castigo sofrido por um dos seus companheiros. O chicote "deitava" sob as costas

magras daquele servo que não poderia fazer nada contra seu senhor. Sua mulher e filhos choravam em um canto do pátio. Foi quando Leonora ouviu um ruído estranho e correu pelo jardim até chegar ao seu quarto pensando que sua mãe pudesse estar sofrendo de um mal qualquer. Entrando nos aposentos da duquesa a menina perguntou para ela se estava tudo bem, sua mãe respondeu que sim e pediu para que sua filha ficasse quieta em seu quarto. Leonora olhou para sua mãe vendo que ela dirigia seu olhar para a janela, então a menina se encaminhou para a janela, para sua tristeza ela assistiu, pela primeira vez, o suplício de um servo do castelo. Leonora viu as costas ensanguentadas daquele homem indefeso, sua mulher e filhos caídos ao chão em triste lamento, a menina pediu para que sua mãe intervisse em favor do homem, mas a duquesa nada fez, ficara impassível, dizendo para sua filha que ela não poderia se intrometer nas decisões do duque. Leonora, não suportando ver aquela cena de horror, correu para seu quarto em prantos e temor. A menina se jogou na cama tentando abafar o som do pesadelo naquele pátio que se tornara um local de sangue e crueldade, ali ela permaneceu até que o sono tomara conta de sua mente. Leonora, em sonho, saíra do corpo indo até o local do castigo, verificara que o servo havia morrido estando seu corpo coberto de sangue, ali ele permaneceu estirado ao chão, o céu estava escuro e não havia ninguém por perto. A menina se abaixou e passou a destra na cabeça do servo morto, ele abriu os olhos e suspirou a frase: “Sou inocente”. No quarto a menina acordou assustada se levantando rapidamente indo até o pátio, chegando lá ela atestou sua visão em sonho Leonora se abaixou e fez o gesto do sonho, chorou e ali permaneceu até o dia clarear. Joseph levantara cedo como de costume, chegando ao pátio levou um susto ao ver a jovem recostada em um muro de pedra, pensou que ela havia morrido, mas aproximando dela verificou que estava dormindo, acordou a moça ajudando-a a se levantar, chamou sua companheira Leocádia para levá-la ao seu quarto. Leocádia deixou Leonora aconchegante em sua cama macia e quente e ela pode dormir mais um pouco. O duque e a duquesa se levantaram e perguntaram pela filha, Leocádia não sabia o que dizer, mas não poderia esconder nada de seus senhores contando como Joseph encontrou a moça no amanhecer daquele dia. A duquesa, preocupada correu para ver sua filha, o duque indignado pensava em como poderia controlar o mau gênio daquela filha, estranha aos seus olhos. O monge foi chamado para realizar uma consulta em Leonora. A jovem estava em seu quarto com sua mãe a lamentar seu ato da noite passada e Leonora contou o sonho que tivera com o servo morto e que por isso saiu de seu quarto para ver se realmente o fato havia se consumado, a duquesa não conseguia entender a mente de sua única filha ficando a observar seu modo de falar, solicitou a Leonora para que se arrumasse e fosse comer alguma coisa. Ao chegar ao salão o monge lá estava Leonora sentiu repulsa ao vê-lo e perguntou para a duquesa porque que sempre que acontecia algo com ela aquele monge teria que ser chamado, a duquesa pediu a ela que não afrontasse seu pai e aceitasse a visita do monge. O interrogatório-consulta se iniciou com as costumeiras perguntas; Se a jovem estava fazendo suas rezas diárias, se obedecia aos seus pais, se

prestava juramento diário de castidade até se casar, se a alimentação estava bem satisfatória. Leonora respondia que sim balançando com a cabeça e olhar para baixo. O monge deu o veredicto ao duque; Sua filha estava bem, apenas um mal estar de moça que precisava se casar o mais rápido possível porque era assim que as coisas teriam que ser (a igreja também iria lucrar com os acordos feitos pelo duque de Yorkschire). O monge se retirou do castelo e Leonora pode comer um pouco, mas seus olhares de pesar estavam sendo direcionados ao seu pai enquanto ele acompanhava o monge até a grande porta de madeira talhada que se abrira para a saída daquele sacerdote. Com a saída do sacerdote o duque voltou ao salão, olhando com firmeza para Leonora ordenou a ela que nunca mais interferisse em suas ordens e decretos, a jovem nada respondeu sabendo que não poderia conviver com aquele tipo de situação por muito tempo, seu modo de representação da vida era completamente diferente daquela vida que seus pais a proporcionavam, as riquezas geradas pelo trabalho incessante dos servos, que nada poderiam modificar, trazia a eles muitas honrarias e bem estar, contudo aquelas pessoas que os serviam poderiam ser condenadas injustamente a qualquer momento. Quando seu pai saiu do salão, Leonora abraçou sua mãe num ato de angustia porque sabia, intimamente, que teria que deixá-la em breve. Os meses se seguiram rotineiramente, a moça continuou se refugiando no jardim do castelo, sua mãe sempre observava sua filha de longe, sentia uma tristeza em seu coração, algo estaria para acontecer, mas ela não saberia o que seria.

Um belo dia, quando estava no salão de refeições, na companhia de seus pais percebera a presença de alguém que já havia falecido ao lado do pai, que era um homem ambicioso, orgulhoso e violento, mantendo um bom relacionamento com o bispo (em vista de altas somas em moedas que doava à igreja) e com o Rei (proprietário e autoridade máxima de todas as terras divididas em feudos) seus privilégios frente à igreja eram inúmeros, assim como acontecia com todos os suseranos do Rei.

Durante o momento da refeição Leonora tivera que se conter, mas não conseguindo disfarçar por mais tempo o seu estado de inquietação pedira para sair da mesa, pois não estava se sentindo bem. A serva, que acompanhava tudo ao lado da mesa, saíra do salão sorrateiramente e fora ao estábulo encontrar com seu companheiro Josef, contando a ele o que estava acontecendo. Josef ficara preocupado e os dois seguiram para a ala dos quartos, se dirigindo ao de Leonora por uma passagem secreta que havia em um dos corredores do castelo na esperança de poder consolar, rapidamente, a menina. No grande salão de refeições o duque e a duquesa ficaram sem entender o que estava acontecendo com a filha, levantaram a hipótese de um mal súbito sem maiores danos, e continuaram suas refeições. No quarto de Leonora, Josef e Leocádia conversavam com ela sobre o ocorrido e suas sensações, ela pedira ao servo que não contasse a ninguém. Leocádia saíra do quarto para buscar um pouco de água fresca para Leonora, o servo ficara com ela tentando acalmá-la, em sua simplicidade ajoelhou, elevou os olhos e rogara súplicas

aos céus, como um bom cristão. De repente, o duque entrara no quarto e se deparou com o servo de joelhos ao lado da cama da jovem moça, que estava deitada, em seguida chegara a duquesa horrorizada com Josef. Leocádia, que havia saído do quarto, retornara o mais rápido que pode. O servo, sem saber o que fazer, pedira perdão dizendo que orava para que a filha deles melhorasse. O pai e a mãe não acreditaram e, muito ferozmente, com passos largos, o duque adentrou o grande corredor que dava acesso aos quartos da família, com um gesto raivoso gritara com Josef para que ele o acompanhasse até o pátio para receber o castigo que merecera pelo seu ato de atrevimento ao entrar no quarto de Leonora com tal intimidade, abusiva aos seus olhos. A jovem, em pânico, gritara pedindo ajuda para sua mãe, ameaçando fugir do castelo e, Leocádia ao lado da jovem, em desespero. A duquesa, agitada, correra gritando para que alguém chamasse o monge, que respondia pelas famílias do local, a fim de retirar a mácula que poderia ter ficado na filha devido à cena que eles presenciaram. Eles pensavam tudo de pior, em nenhum momento quiseram saber do estado emocional e físico de Leonora. Leocádia deixara a jovem no quarto e correra em direção ao pátio, chegando lá ela se ajoelhara no chão duro, aos prantos, enquanto seu companheiro Josef fora amarrado em uma estaca de madeira para ser degolado.



Leonora, com uma coragem aflitiva se levantara da cama e da janela de seu quarto, que dava para o pátio, avistou a cena que ia se desenrolando, com todo seu esforço foi em direção ao local chegando próximo ao seu pai, que estava dando as ordens a outro servo para a execução de Josef. A duquesa falara com a filha para não se envolver nas decisões do duque, seria perigoso interferir naquele momento de raiva, mas Leonora com sua atenção voltada em ajudar Josef e Leocádia, esbravejou com sua mãe para que ela parasse de falar tomando uma decisão em defender pessoas boas e dedicadas aos serviços no castelo, com fidelidade de longos anos. Mas, a duquesa perplexa com a atitude da filha, não poderia fazer nada. A ordem de matar Josef é proferida pelo duque em voz firme e decidida.

No pátio, aonde iria se desenrolar o castigo, Leonora se colocara à frente do servo, amarrado pelas mãos e pés na estaca de madeira, segurou na mão do homem destacado para aquele “serviço” e, com um tom de voz forte, ordenou que ele parasse. O homem

se espantara, tremera as mãos e soltara a foice. Os pais da jovem, que assistiam tudo a certa distância, não entenderam o que estava acontecendo, ordenaram a continuidade da tortura, mas o homem, acabrunhado, não soubera o que fazer, olhara para a jovem e não conseguira executar o serviço, acabara correndo, assustado. A jovem pediu à Leocádia que ajudasse seu companheiro, caminhou em direção a seus pais olhando com piedade para eles depois correra entristecida para seu quarto. Josef fora liberado pelo duque. A duquesa permanecera ao lado do seu senhor sem entender o porquê da proteção aos servos pela filha. O duque se dirigiu ao quarto de Leonora exigindo que ela explicasse o que acontecera e por que tomara aquela atitude. Leonora, trêmula, dissera ao pai que não poderia deixar seu amigo morrer por nada, que ele não poderia ser tratado daquela maneira. O pai, muito nervoso, dissera à filha que ela ficaria presa em seu quarto até que ele resolvesse liberá la. Quanto a Josef e Leocádia a decisão dos nobres fora a seguinte: Após o acontecido, eles rumaram até a casinha que os servos moravam, no feudo, e em uma conversa nada amigável mandara que eles arrumassem suas coisas e saíssem de suas terras para sempre. A duquesa acusara os criados de serem traidores não merecendo a confiança que sua família depositara neles durante os anos que eles trabalharam naquelas terras. Lamentara ter que retirar deles as coisas que havia lhes dado (roupas, objetos para a casa, algumas sandálias). Sem poder fazer e falar nada Josef e Leocádia começaram a ajuntar aquilo que lhes sobraram: Alguns cobertores velhos, capas de algodão e couro para cobrir o corpo do frio intenso que fazia por aquela região, potes de cerâmica, colheres de madeira, forros de pele de animal que serviam como colchão de dormir, alguns pedaços de pão, um saco de aveia e outro de trigo, além de algumas galinhas. Já estava entardecendo quando pegaram a carroça velha que lhes pertencia e o cavalo que os trouxera, havia muitos anos, para aquelas terras frias da Inglaterra. Saíram sem poderem se despedir de Leonora e sem poder se desculpar pelo acontecido.



No dia seguinte, Leonora, ao se levantar, com receio de que seu pai poderia ter feito algo com seus amigos, percorreu o jardim, o estábulo, a cozinha, percebendo que os servos não apareceram para seus serviços. Leonora, então, decidiu ir aos aposentos da duquesa. Bateu na porta de madeira grande e pesada, ouviu a voz de sua mãe a perguntar quem era, ela respondera com voz triste: Sou eu, Leonora. A mãe abrira a grande porta e com um olhar curioso perguntara o que a filha desejava. Leonora perguntara pelo casal Josef e Leocádia e sua mãe dissera que os dois haviam sido expulsos do castelo e das terras deles no dia anterior, depois do que acontecera. A duquesa com um ar passivo e voz melodiosa deixara Leonora entrar em seus aposentos pedindo a ela que se acalmasse e não tentasse interferir nas ordens de seu pai, que era um senhor muito justo para com todos que serviam a eles, Leonora ficara confusa por uns instantes sem pronunciar nenhuma palavra sequer. Sua mãe explicara que o lugar deles (Josef e Leocádia) fora ocupado por outras pessoas que já trabalhavam em suas terras, pedindo à sua filha que não oferecesse

intimidades a mais ninguém, pois aquelas pessoas, que serviam a eles, deveriam saber que não poderiam ter amizades com seus senhores e, Leonora sendo filha deles, deveria ter uma postura como de sua mãe, dando ao duque todo orgulho que ele esperava dela. A jovem e bela Leonora, entristecida, não soubera como convencer sua mãe de que aquela forma de tratamento às pessoas que os ajudavam no cuidado da terra (plantar, colher, cuidar dos animais, cozinhar, lavar, arrumar, sem reclamar) não estava correto, todos que os serviam, de algum modo, deveriam ser tratados de forma mais humana.



Este era o pensamento daquela moça que aos seus dezoito anos de idade não conseguia admitir aqueles castigos infringidos aos servos, porém nada poderia fazer a não ser deixar aquela forma de vida que há muitos anos vinha sendo um desafio para ela. Mas, como interromper a vida com seus pais? Como poderia sair daquelas terras? Estava

cansada de viver às escondidas fingindo ser uma pessoa comum. Agora teria dificuldades para não demonstrar aos pais aquele poder em sua mente, em suas mãos, em seu olhar. Saindo do quarto da Duquesa Leonora procurou pelo Duque, que não estava no castelo, então, desolada, saíra correndo em direção ao jardim, chorou muito e depois se dirigiu ao estábulo, montou em seu cavalo saindo a galope, atravessando os muros do castelo. Sua corrida a cavalo se estendera pela estrada que ficava além das divisas das terras controladas pelo Duque, seu pai.



Na estrada, após o galope por algumas léguas de distancia ela se deparou com dois cavaleiros vindos em sua direção. Ela parou o cavalo ficando pensativa, não sabia se

retornava rápido, fugindo daqueles homens desconhecidos, ou ficaria parada para ver o que aconteceria, decidiu ficar parada. Eles se aproximam devagar, lançam um olhar para ela sem entender o que uma bela e jovem moça estaria fazendo na estrada, sozinha. Os dois cavaleiros olharam um para o outro como a se perguntarem: Quem seria aquela jovem e por que estaria ali? Acostumados a encontrarem todo tipo de gente pelas estradas e florestas um deles continuou a viagem sem se interessar muito pelo fato curioso, e o outro permanecera como se estivesse sido hipnotizado pela beleza singela de Leonora (até então ela não olhara para este diretamente), mas ao perceber que esse cavaleiro a estava olhando, ela olhou suavemente para ele e sentiu uma leve sensação de ternura, então ela guiou seu cavalo se aproximando dele, devagar ele estendera a mão para ela, olhando-a, ela deslizou sua mão levemente sobre a mão dele e num ímpeto de ternura ela sorriu, quando então, por um súbito instante a realidade tocou o coração da jovem que fora suavizado por aquele momento fugaz em sua vida, e o retorno ao castelo se fez urgente. A jovem conduziu seu cavalo rapidamente de volta ao castelo, mas antes, como despedida, lançara seu último olhar, de adeus, àquele cavaleiro errante. Meio atordoado o cavaleiro sentira uma energia forte e, leve ao mesmo tempo em todo o seu corpo, como que extasiado permanecera por alguns segundos, seu colega gritara seu nome fazendo com que ele despertasse. Ele "acordou" como se estivesse saindo de um sonho que tivera, mas um sonho real. Seu amigo, companheiro de viagem, brincou com ele e perguntou: Onde você esteve? Nas nuvens? Ele respondera que por uns instantes se sentira imerso em muitas nuvens. Seu colega rompeu em gargalhadas zombando dele como se ele estivesse recém-apaixonado por um fantasma. Os dois continuaram cavalgando, mas o cavaleiro que se interessara por aquela jovem, que ele achara diferente, continuara pensativo; Wiliam era seu nome, o nome de seu amigo era Groisman. Wiliam era um homem forte de cabelos castanhos e olhos pretos já seu amigo Groisman tinha as feições de um asiático, esperto e rápido com a espada. Os dois cavaleiros eram nômades e estavam se dirigindo para uma região qualquer, naquele dia pretendiam passar a noite onde conseguissem uma instalação. Eles viviam de prestar favores para ajudar os mais pobres, doentes, mulheres que fugiam da perseguição de soldados, crianças órfãs, idosos, enfim, não eram saqueadores, ou fugitivos, em troca pediam roupas, comida, cavalos e armas a quem pudesse fornecer. Eram excelentes guerreiros haviam lutado em uma guerra religiosa servindo ao exército cristão na recente cruzada.

Antes de participarem da guerra santa eles eram simples camponeses, aprenderam a arte da guerra medieval, lutaram com espadas, escudos e armaduras em nome do deus cristão, mas cansaram da guerra e decidiram viver por conta própria. Eram considerados desertores. Aqueles cavaleiros aprenderam a acreditar em si mesmos e no poder da natureza não aceitando ordens de ninguém, caçavam quando não conseguiam comida, dormiam na floresta quando não conseguiam um estábulo quentinho para se esconderem

do frio. Wiliam e Groisman fugiam de brigas e discussões, mas não fugiam em defender qualquer pessoa inocente que cruzasse o caminho deles e nem de algo que poderia por em risco as suas próprias vidas. Felizmente foi com esses ex-guerreiros que Leonora se deparou, na estrada, próximo à floresta. Aquele dia ficaria marcado para sempre na vida de Wiliam e Leonora!

Antes da segunda refeição do dia, a jovem chegara ao castelo, era tarde e a Duquesa estava preocupada com ela. No interrogatório realizado pelo Duque no portal do castelo ela respondera que cavalgava perdendo a noção do tempo e quando percebeu que estava tarde rumou de volta para casa. Desconfiado, o Duque lhe ordenara que se preparasse para a refeição. A jovem se encaminhou para o quarto, se lavou, penteou os cabelos, trocou a roupa descendo para o grande salão de pedras e pouca luminosidade, bem ao estilo da arquitetura gótica medieval. No decorrer da refeição nenhuma palavra fora proferida por eles, um silêncio acusador imperava no ar. Novamente Leonora sentira a presença do "morto" que acompanhava seu pai. Desconcertada e temendo o que poderia acontecer (agora que não podia contar com a ajuda dos seus amigos que foram expulsos daquelas terras) pedira licença para se retirar da mesa e voltar para o quarto, mas o pai não consentiu. Então, ela começara a sentir um grande mal-estar, ânsia de vomito e a cabeça a rodopiar, a Duquesa tentou despertá-la sacudindo seu corpo que estava sem força, o Duque pensou que se tratava de uma encenação desagradável foi quando a voz de Leonora soou gutural, cheia de ódio, com palavras de acusação do assassinato de alguém, seus olhos maléficos se voltaram para o pai, a Duquesa completamente aterrorizada tentou fazer com que Leonora parasse com aquela "encenação", mas ao se levantar de sua cadeira caíra ao chão, e não conseguindo se reerguer ficara ali mesmo, o Duque, um pouco assustado, mandou que ela se calasse, foi a primeira vez que eles assistiam a uma cena como aquela. O casal de nobres não compreendia que ela expressava tudo o que aquele ser, que já havia morrido, sentia e queria falar para o Duque. O "morto" que falava através de Leonora havia sido, quando em vida, um camponês que trabalhara no feudo, o Duque havia mandado matá-lo por que suspeitara que ele não houvesse pagado o imposto sobre colheita, aumentando sua reserva pessoal. A família do camponês plantava trigo, uvas e aveia sendo que a maior parte da colheita estava reservada ao senhor do feudo e para o abastecimento dos armazéns da igreja. O "morto" queria sua vingança, pois sua família passou por necessidades após a sua morte vindo a ser despejada da velha casa em que moravam, assim como aconteceu com Josef e Leocádia que foram salvos da morte.

Leonora tentou uma distância mental com o espírito vingativo, mas não conseguiu parar com a manifestação, gerando medo em sua mãe e raiva em seu pai por causa das coisas que saiam de sua boca; contra ele, e tudo que eles ouviam fazia lembrar aquele servo morto. As lembranças jorravam sem parar e o Duque indagava mentalmente em como sua filha ingrata poderia blasfemar contra ele, que era seu senhor, ela nunca sequer chegara

a conhecer aquele ladrão que o roubara. Num ímpeto de ódio ele tirou, violentamente, Leonora à força da cadeira jogando-a no chão esbravejando ameaças contra ela. Com todo aquele impacto violento a jovem desmaiou. O Duque, sem piedade, arrastou Leonora pelo braço em direção ao seu quarto, trancou a porta e pediu à mãe que mandasse chamar o monge para, imediatamente, exorcizar aquela atrevida. Quando o monge chegou a moça ainda estava desacordada e os nobres contaram tudo a ele no grande salão. Então, o monge dissera que ela teria que ser interrogada o quanto antes. Eles se encaminharam para o quarto de Leonora, a jovem acordara com o chamamento da Duquesa, atordoada ouviu a conversa de todos que estavam em seu quarto, ao seu lado, sem saber o que fazer Leonora fechara os olhos e rogara, sussurrando, para que de algum lugar, seus amigos ouvissem seu pedido de socorro, na esperança que eles pudessem vir ajudá-la. Mas, sua vontade não poderia ser satisfeita porque seus antigos amigos estão muito longe dali. A jovem Leonora estendera os olhos para sua mãe com ar de súplicas desejando que ela reagisse ao menos uma vez na vida a seu favor, pelo menos para que a ajudasse a se recompor e enfrentar o interrogatório. A Duquesa entendeu seu olhar e pediu para que todos saíssem do quarto para que Leonora se vestisse adequadamente a fim de explicar seu procedimento estranho, horas atrás. Após a saída do Duque e do monge, a mãe de Leonora dissera que aquele comportamento fora de uma pessoa possuída pelo demônio, que os olhos de Leonora fumegaram chamas de ódio em direção ao seu senhor, um bom homem, suas palavras soaram como trovões em noite de tempestade, sua pele ardeu como brasa. E por fim, sua mãe deu o veredicto final: O que seria tudo isso se não um atestado de possessão demoníaca, ou loucura? Ela precisava passar pelo “tratamento” da igreja antes que fosse tarde demais! Deixando a filha a sós em seu quarto para que ela se vestisse melhor, já que sua roupa estava rasgada ao ser arrastada pelo pai, a Duquesa foi ao encontro do monge e de seu senhor. Logo que sua mãe fechou a porta de seu quarto, Leonora não teve dúvidas, fez uma trouxa, rapidamente, com duas trocas de roupa e sua capa de couro mais algumas moedas que guardara, desceu pela janela de seu quarto que dava para o jardim, correu em direção ao estábulo, montou em seu cavalo, chamou Dote, o cachorro, e saiu desesperada, a galope para a estrada à procura dos amigos, os servos, sem saber que rumo tomar.

SEGUNDA PARTE

Após horas de cavalgada, quase anoitecendo, Leonora avistou o primeiro vilarejo pensando que poderia encontrar seus amigos por ali, mas decidiu parar devido seu cansaço e se escondeu embaixo de uma pequena ponte que havia na entrada daqSeguele lugar desconhecido. Seus pensamentos estavam voltados para sua casa, seus pais e o que havia acontecido com os criados. Ela sentiu-se culpada afinal, tudo aconteceu por causa dela, de seu dom, então ela se perguntou: Por que sou assim? Por que não poderia ser como as outras pessoas? De seus olhos escorreram lágrimas de tristeza e solidão. Ali ela permaneceu deitada se reconfortando ao lado de Doth.



A noite estava clara, com a luz da lua cheia a brilhar no céu estrelado, o ar era refrescante, mas Leonora estava triste, tudo aquilo parecia um pesadelo em sua vida

que até poucos dias atrás era rotineira. Seus pensamentos começaram a ficar confusos, seus olhos foram fechando até que o sono tomou conta dela. Quando o dia amanheceu, Leonora teve um pressentimento de que não era naquele vilarejo que seus amigos estavam e continuara sua fuga, mas percebeu que fugir pela estrada era perigoso, pois o Duque poderia estar atrás dela. Então, decidiu ir pela floresta. Passou horas a cavalgar sentindo se cansada e com fome, suas vistas foram se enfraquecendo, ela descera do cavalo, pois suas pernas estavam trêmulas, amarrou a rédea do cavalo em uma árvore e saiu à procura de algo para comer. Leonora avistara algumas maçãs, o que foi muito bom. Depois que comeu as maçãs, ela montou em seu cavalo continuando a cavalgar. Leonora avistou uma fumaça a alguns metros de distância de onde estava, ficara em dúvida se aproximava ou não. Neste momento sua mente começou a ficar atordoada com a voz de seu pai a lhe fazer ameaças, lembrou-se de sua mãe lhe falando para obedecer a seu pai, sentiu o pavor dos criados, Doth começou a latir e ela pediu a ele para parar, seu cavalo parara de repente e ela caiu do cavalo completamente zonza. Leonora se arrastara até chegar próximo a um riacho de águas límpidas que escorria naquele local, molhou seu rosto, bebeu um pouco de água, as vozes continuavam soando em sua mente, então ela começou a falar em voz baixa para aqueles pensamentos se tornarem nítidos e uma visão súbita lhe arrebatou; De olhos fechados ela avistou o Duque em seu cavalo procurando por ela, percebeu sua mãe no castelo a rezar, o monge junto com o Duque. Depois daquela visão que avisava o que estava para acontecer Leonora deixara seu corpo tombar ficando deitada ali, perto do riacho, a rédea do cavalo ficara enrolada em seu braço e Doth a seu lado. Algumas horas se passaram quando Leonora começou a despertar daquela sonolência, um pouco tonta ainda, ela tentou se levantar apoiando-se nos galhos da árvore ao lado e foi andando como pode até uma pedra e se assentou. Leonora não se sentia muito bem, porém lembrou-se da fumaça que tinha avistado e seguiu andando devagar até chegar à estrada novamente. Continuou a caminhar puxando seu cavalo. Mais à frente avistou o segundo vilarejo com suas casinhas, muitas delas com chaminés a todo vapor foi ai que entendeu a fumaça que avistou. A jovem sentiu necessidade de adentrar naquele lugar para comprar algo para comer. Ela se dirigiu para o vilarejo puxando seu cavalo e Dote a segui-la. Os olhares das pessoas para ela não eram reconfortantes, a cada passo de Leonora um olhar de desconfiança, então ela pensou: Será que alguém por aqui me conhece? Não pode ser, é impossível, nunca sai do castelo, da companhia de meus pais. Então, a jovem se dirigiu até a cabana do ferreiro pedindo a ele para olhar as ferraduras de seu cavalo quando ouviu uma voz a lhe chamar; Menina, Menina! Dote começou a latir, Leonora chamou sua atenção se virando para ver quem era e uma mulher de aparência estranha lhe ofereceu pão. Leonora aceitou e agradeceu, mas a mulher queria saber quem ela era, pois suas roupas e seu porte eram muito diferentes para aquele lugar, as pessoas que moravam ali eram pobres. Sua resposta foi curta dizendo que estava passando por ali a fim de descansar depois retornaria para as terras onde morava. Não satisfeita com a resposta, a mulher perguntou

novamente quem ela era. Leonora olhou para o ferreiro perguntando se havia terminado o serviço em seu cavalo olhou para Dote que havia ficado à sua espera depois respondeu (com um olhar profundo) à pergunta daquela mulher; Meu nome é Miriam, estou com fome, onde posso comprar comida? A mulher respondeu que ela poderia comprar comida na feira que ficava na outra rua. Leonora (por aqueles momentos Miriam) pagou o ferreiro com duas moedas e seguiu para a feira. Dote comia tudo aquilo que agradasse ao seu olfato. Para o cavalo não faltava pasto. Na feira Leonora comprou algumas frutas, pão, mel e leite de cabra colocando tudo em sua sacola, ela precisava de um lugar onde pudesse ficar sossegada para se alimentar, então decidiu se ajeitar, como podia, atrás de uma das casinhas daquele vilarejo, amarrou a rédea do cavalo em uma árvore e se alimentou com calma. Mas, aquela mulher que perguntou seu nome perseguiu Leonora ficando a observar tudo que ela fazia escondida por entre as árvores. Leonora conseguiu sentir a presença dela e em um tom de voz tranquila perguntou o que ela desejava sem olhar para trás. A mulher assustada não respondeu, foi quando Leonora apareceu atrás dela batendo de leve em seu ombro. A mulher deu um pulo amedrontada sem saber o que dizer, começou a gaguejar palavras desconexas perguntando como ela (Miriam) poderia saber onde ela estava? Leonora observou a mulher calmamente dizendo que não faria mal a ninguém, apenas queria se alimentar e logo deixaria aquele local. A noite estava se aproximando, a mulher continuou desconfiada das origens da moça estranha, mas sem dizer nenhuma palavra saiu correndo pelas ruas do vilarejo. Leonora achou graça do jeito estabanado daquela mulher, recolheu suas coisas, montou em seu cavalo, chamou Dote e saiu do vilarejo. Agora Leonora teria que encontrar um lugar para passar a noite, mas onde? Ela decidiu deixar seu cavalo lhe guiar. Deitada sobre o dorso do animal ela permaneceu até que seu cavalo parou em frente a um casebre a uma distância considerável do segundo vilarejo.



Ela levantou sua cabeça percebendo onde estavam e ali, naquele casebre abandonado, ela passou a noite com seus “companheiros”. Leonora adentrou aquele lugar, olhou atentamente para os lados, os sinais de abandono mostravam que aquele casebre havia sido abandonado havia tempo. A chuva fina começou devagar e algumas goteiras no casebre davam sinal de que a noite iria ser longa e fria. Dote ficara dentro do casebre e o cavalo pastava tranquilamente no campo verde. O frio ficara mais intenso, a capa da jovem não conseguiria aplacar a alta temperatura foi preciso se aconchegar junto ao cão para esquentar seu corpo cansado. Havia algumas frutas e uns pães na sacola de Leonora para que ela pudesse se alimentar no dia seguinte. A chuva se tornara mais intensa. Os raios clareavam a mata por instantes e os trovões ecoavam no céu escuro daquela noite. Leonora não poderia se aventurar naquele temporal permaneceria quieta até cessar o mal tempo. A chuva prolongou até o terceiro dia da fuga, como resultado a alimentação de Leonora ficou racionada. Um pedaço de pão fora entregue a Dote que comeu satisfeito.

Da janela danificada pelo tempo Leonora podia avistar seu cavalo que se refugiou embaixo de umas árvores. O tempo passou lentamente, as lembranças do castelo se faziam mais acentuadas na mente daquela jovem entristecida. A esperança de encontrar seus amigos era sua certeza. A saudade de sua mãe misturada com uma revolta se fazia presente em seu coração, para seu pai, o duque restava lágrimas e comiseração. Pelo monge católico apenas repúdio. E assim ela ficou até o cair da noite dormindo ao lado de seu cão.

No quarto dia o sol apareceu e a relva brilhou de contentamento pelas águas passadas, os pássaros cantarolaram, foi assim o despertar de Leonora que logo se aprumou em seu cavalo prosseguindo mais animada e refeita em sua jornada. Passou por bosques e campos cheios de flores e frutos. Pode comer alguns dos frutos encontrados. Avistou um riacho, se encheu de coragem entregando-se aos encantos daquela água doce, lavou seu rosto, trocou sua roupa, colocou sua capa seguindo sua rota intuitivamente. Durante o percurso Leonora pode cantarolar a canção que gostava quando podia contemplar a natureza no jardim do castelo. Os raios de sol suavizaram o frio das noites de chuva. Seguindo, agora pela estrada, Leonora cavalgou sem pressa, brincou com Dote que ficava pulando próximo ao cavalo, tudo seguia tranquilo até que Leonora sentiu uma presença estranha por perto, olhou de um lado para o outro tentando descobrir quem estava por ali. Sua cavalgada ficara mais lenta, seus olhos em alerta, sua mente captando algo, então quando ela olhou ao longe avistou uma mulher com cabelos grandes e esvoaçados, estatura mediana, roupa esfarrapada e descalça.

Leonora sabia que aquela criatura era diferente, havia algo nela de assustador, porém não tivera medo. Mais uma vez o poder daquela jovem seria testado. A mulher firmara sua visão na jovem e automaticamente a jovem retribuíra o olhar penetrante, naquele momento duas pessoas com dons especiais se encontravam. Por uns instantes elas permaneceram se entreolhando, depois a mulher iniciou seus primeiros passos em direção à jovem. Leonora permanecera imóvel. Dote começara a rosnar, o cavalo se assustou e empinou fazendo com que a jovem pulasse no chão bem depressa. A mulher perguntou, cinicamente, onde Leonora pretendia chegar. Ao pular do cavalo as coisas da jovem caíram ao chão e Leonora abaixou-se devagar recolhendo tudo, neste instante a mulher apareceu em sua frente, Leonora saberia que a mulher não poderia chegar tão rápido à sua frente, pois era um poder de desdobramento do espírito que se fazia aparecer em muitos lugares ao mesmo tempo.



Leonora suavizou sua voz e respondeu para a mulher que ela estava na estrada como ela, que cavalgava sem destino certo, a mulher soltou gargalhadas dizendo que ela morava por ali, a jovem não respondeu nada, a mulher começou a se desdobrar em vários ângulos ao mesmo tempo. Leonora respondeu a ela que sabia o que ela estava fazendo e começou a se desdobrar, também. Os espectros das duas médiuns faziam os animais se afastarem, ventos sopraram com força, a vegetação se agitou. As duas faziam giros rápidos, a mulher realizava aparições ameaçadoras, já Leonora realizava seus desdobramentos como forma de conter os ímpetos violentos da infeliz criatura. Vendo que aquela tática não funcionara, a mulher retornou para seu corpo que ficara imóvel no mesmo lugar onde Leonora havia visto pela primeira vez. Leonora, também retornou para seu corpo que ficara parado junto às suas coisas. A mulher pronunciou algo que Leonora não pode entender, mas Leonora

falou em voz alta, que aquele poder poderia ser usado para ajudar as pessoas e não para abusar das pessoas, as gargalhadas voltaram e Leonora fechou os olhos, se concentrou penetrando na mente daquela mulher que utilizava de seu poder para assustar, matar e roubar quem passasse por aquela estrada, tanto que o lugar ficara conhecido como o "Caminho da Bruxa" onde todos se negavam a seguir por ali. A jovem começou a falar mentalmente com a mulher que ouviu nitidamente aquela voz a dizer: Você não é má, mas deseja o mal por que não sabe fazer outra coisa. A mulher tampou os ouvidos e pediu para a jovem parar com aquilo, mas a jovem se concentrou mais ainda e continuou a emitir seus pensamentos na mente daquela mulher, não aguentando mais a pressão em sua mente ela se ajoelhou e gritou; PARE! O que você quer de mim? Nunca vi isto que você faz, é tortura! Leonora se desdobrou chegando próxima aos ouvidos da mulher e murmurou: Você vai morrer amanhã, eles estão à sua procura; E retornou para seu corpo, abriu os olhos esperando a reação da mulher que correu pela estrada. A jovem foi ao seu encontro, desdobrada, parou em sua frente com um olhar compassivo, mas a mulher vociferou palavras chulas passando pela imagem desdobrada de Leonora fugindo sem deixar rastro no chão, a jovem sentiu em seu corpo físico, que se encontrava no mesmo lugar, um sintoma desconfortante como se seu corpo tivesse recebido um golpe. Depois de várias horas que Leonora ficara em confronto com aquela mulher suas energias se enfraqueceram um pouco, precisava de um lugar para se recostar, lembrou-se de seus animais e pode vê-los chegarem ao seu lado devagar, Dote se aproximou primeiro e o cavalo o seguiu. Leonora ficara com pena daquela mulher, pois pode perceber que ela estava sendo procurada por um grupo de homens que queriam matá-la, sua morte era eminente. Leonora tentou persuadi-la sem sucesso porque a mente da mulher estava impregnada de maldades, o que foi lamentável para ela mesma. Recostada a jovem ficou até descansar.

TERCEIRA PARTE

Depois que recuperou um pouco de suas energias Leonora seguiu seu caminho recapitulando tudo que acabara de acontecer, começou a entender que outras pessoas possuíam o mesmo poder que ela, mas muitos, talvez, não utilizavam para o bem. O que era uma pena. Leonora cavalgou por horas e ao entardecer chegara ao terceiro vilarejo, desta vez sem ser perseguida por ninguém, pelo contrário as pessoas do local pareciam ser tranquilas. Devagar com seu cavalo e Dote a seu lado, Leonora pensou em pedir ajuda para alguém do vilarejo, mas uma sensação agradável tomou seu ser. Ela desceu do cavalo amarrando a rédea em um poste de madeira, começou a estudar o local em sua volta com um olhar de profundidade, então ela foi diminuindo seus passos e sentindo a presença de seus amigos quando conseguiu ver Leocádia passando pela rua lamacenta e fria daquele lugar. Como que saindo de um sonho sofrido Leonora foi ao encontro de sua amiga abraçando-a, de seus olhos escorreram lágrimas profundas de solidão e angústia. Leocádia sentiu pena da jovem, perguntando como foi que ela chegara até ali, sozinha e o que havia acontecido. Leonora, em um misto de alegria e tristeza balançou a cabeça e conseguiu apenas responder que estava fraca e com fome. Leocádia levou a jovem até a casa onde ela e seu companheiro estavam morando.

Chegando ao local (uma casinha pequena de madeira) Leocádia arrumou um balde grande de madeira com água quente para a jovem se lavar, Leonora sentiu-se um pouco melhor depois que a água morna escorreu pelo seu corpo frio. O pão com leite de cabra foi servido para matar a fome da jovem, em seguida dormiu um sono reparador, ela precisava descansar para poder contar tudo para seus amigos do que havia acontecido. Josef não estava presente, chegou depois. No castelo, após a descoberta da fuga de Leonora, o pai ficara furioso e a Duquesa pediu desculpas ao monge prometendo a ele que o ato de sua filha não ficaria impune. O Duque mandou selar seu cavalo, convocou oito de seus servos e todos saíram a galope à procura da filha o que confirmou a visão que Leonora tivera. Depois daquele dia a vida no castelo não seria mais a mesma, nunca mais!

Na manhã seguinte, na casinha simples daquele vilarejo, a umas boas léguas de distância do feudo dos senhores nobres, Leonora se levantou refeita e com um sorriso nos lábios, abraçou Leocádia e seu amigo Josef (que foi avisado por Leocádia de que a menina estava com eles). O leite foi saboreado pelos três amigos, então Leonora começara a relatar tudo que havia acontecido com ela e seus pais a algumas noites atrás. Desolados eles ficaram ao saberem de todos os acontecimentos, mas não era novidade para eles aquela postura de seus antigos senhores, já haviam presenciado situações piores envolvendo camponeses que trabalhavam naquelas terras. Desejosos em ajudarem Leonora, os três combinaram que naquele vilarejo não era seguro ficar, aqueles nobres logo descobririam e mandariam todos de volta. Os servos seriam sacrificados e a jovem seria impedida de sair do castelo passando pelo interrogatório da igreja, o que seria extremamente perigoso,

pois ao saberem daquele poder com o qual a menina nascera seu fim seria a fogueira ou a prisão em algum lugar do castelo sem comunicação com ninguém, nem com sua própria mãe que obedecia cegamente ao seu pai. Foi então, que o criado se propôs sair à procura de duas pessoas que ele e Leocádia conheceram ao passarem pela floresta à procura de um lugar para viver quando foram expulsos das terras onde serviram por muitos anos. Estas pessoas poderiam levá-los para um lugar longe dali e, seguro. Permanecer por aquela vila próxima ao território pertencente à família de Leonora não seria o melhor a fazer. Josef decidiu sair para encontrar tais pessoas e, Leocádia, sabendo da vida errante que os possíveis guias levavam, temera que seu companheiro não conseguisse encontrá-los. Mas, Josef não perdera as esperanças, iria perguntar a quem encontrasse pelo caminho sobre o paradeiro dos futuros guias da jornada de fuga. Leonora e Leocádia ficaram na expectativa do resultado da procura aos guias, na casinha de madeira. O tempo passou e o crepúsculo se firmou no horizonte com o sol se despedindo com seus últimos raios do dia aos moradores daquele pequeno vilarejo. Leonora, apreensiva, perguntou a Leocádia: Será que conseguiremos escapar deste triste destino? A resposta de sua amiga não podia ser mais oportuna: Sim, minha menina, tudo dará certo, acredite! Josef perambulou pelo vilarejo e aos arredores perguntando para vários moradores sobre os homens que poderiam levá-los em segurança pela floresta, mas ninguém soubera do paradeiro de tais guias. Quando Josef estava desistindo da procura um menino de aproximadamente dez anos de idade, cabelos sujos, descalço, aparentando estar com fome e que seguiu o servo sem que ele desconfiasse, se aproximou dele indagando: O senhor está procurando uns homens que tem uns cavalos bonitos e grandes?



Josef olhou para o garoto afirmando com o balançar da cabeça quê sim. O menino afirmara para Josef que era muito difícil alguém por ali ter aquele tipo de animal, forte e treinado. As pessoas daquele vilarejo viviam com muitas dificuldades, cuidar bem de um cavalo era algo impensável, Josef estava tão ansioso que não deu atenção ao que o menino falava então, o garoto apontou para um estábulo na saída do vilarejo, um estábulo velho que ninguém mais usava. Josef perguntou ao menino: O que tinha aquele velho estábulo? O que você quer dizer menino, vamos, responda logo? O garoto respondeu: Os homens que o senhor tanto procura estão lá dentro, acabei de falar com eles porque me deram de comer. Josef regalou os olhos e agradeceu o garoto, com as pernas trêmulas foi ao estábulo conferir se realmente havia alguém lá e se eram os homens que procurava. Quando Josef entrou no estábulo pode conferir que a informação daquele menino pobre estava correta, com um pouco de desconfiança conversou com dois homens que estavam “morando” a alguns dias naquele local abandonado, pediu a eles para serem os guias de

sua companheira e de uma jovem que morava com eles, levando-os a salvo até ficarem bem longe daquela região, atravessando o rio. Estes homens eram os dois cavaleiros que a jovem Leonora havia encontrado na estrada quando cavalgou até ficar fora dos limites das terras de seu pai. Wiliam e Groisman aceitaram a empreitada, afinal aquele tipo de "serviço" fazia parte da vida deles. Groisman perguntou a Josef para onde eles queriam ir. A resposta do velho amigo de Leonora fora que eles gostariam de morar em qualquer vila que ficasse longe das terras do Duque de Yorkschire. Os dois amigos entreolharam

se desconfiados porque algo duvidoso havia naquele pedido, mas sem mais perguntas os três combinaram que na manhã seguinte, quando o sol iluminasse os campos com seus primeiros raios, iriam se encontrar naquele velho estábulo para dar início a rota desejada. Wiliam e Groisman selaram o trato com o servo com um aperto de mãos. Eles disseram seus nomes e se despediram. Josef confiante no trato feito retornou para sua velha casa, o céu estava escuro quando ele chegara com sua carroça, Leocádia, juntamente com Leonora, estavam à sua espera. A jovem havia descansado um pouco. Leocádia, aflita, perguntara ao companheiro se ele conseguira encontrar as pessoas que precisavam. Josef explicou a elas que encontrara os homens com a ajuda de um menino faminto e sujo, mas que fora muito útil. Sem mais o que esperar, todos decidiram organizar seus pertences para a partida que estava programada para o amanhecer do dia seguinte.

Uma légua atrás estava o Duque que havia percorrido uma faixa da floresta chegando ao primeiro vilarejo onde Leonora havia dormido embaixo da ponte que dava acesso ao local. Ordenou aos homens que o acompanhavam que indagassem às pessoas daquele local se viram uma jovem da nobreza, de pele e cabelo claro, montada em um cavalo. A resposta de todos os entrevistados (simples camponeses) fora negativa. O senhor das extensas terras em Yorkschire retornara ao seu castelo prometendo a si mesmo que no dia seguinte iria mais longe até encontrar Leonora, viva, ou morta.

A noite acolhera a todos em um sono com promessas de vingança e, esperanças, mas duas pessoas não conseguiram dormir; O Duque e Leonora; Pensativos eles ficaram, o primeiro com o desejo de castigar sua filha que não lhe obedecia e com suspeita de "possessão demoníaca", a segunda com o desejo de ficar livre daquele tipo de vida que levava na companhia de seus pais, uma vida sem sentido, tendo que conter a todo custo um poder que ela não poderia sufocar a vida inteira. Ao clarear o dia, a vida no feudo começara cedo, cada camponês se dirigia ao seu trabalho. No estábulo o cavalo do Duque é preparado, os servos que foram destacados para a procura de Leonora estão no aguardo das ordens de seu senhor. Ao abrir o grande portal do castelo o pai de Leonora exigira que o monge fosse notificado para ir ao seu encontro. Esta tarefa deveria ser cumprida pela Duquesa que ficara na espera, em seu castelo. O local do encontro seria exatamente onde Leonora estava com seus amigos (prestes a se dirigirem para o estábulo velho onde Wiliam e Groisman os esperavam). Na saída do castelo, o senhor montou em seu cavalo e saiu a

galope deixando para trás o rastro de poeira. Josef, Leocádia e Leonora chegando ao local do encontro (o estábulo) que ficava no vilarejo, porém longe dos olhares dos curiosos, não perceberam que os cavaleiros estavam escondidos atrás do estábulo abandonado. Leonora, entretida com Dote sentiu que os cavaleiros estavam por perto. Leocádia e Josef olharam para ela e depois para frente, mas não conseguiram ver ninguém, Leonora afirmou que os guias estavam por perto. Na espera eles ficaram. Passado um tempo Wiliam e Groisman apareceram (ficaram escondidos para terem a certeza de que as pessoas que iriam guiar seriam mesmo aquelas que o velho havia falado a eles na noite anterior). A surpresa no olhar de Leonora e de Wiliam se fez notória. Wiliam não conseguira disfarçar seu contentamento ao ver aquela jovem misteriosa novamente. Leonora lançou- lhe um olhar singelo, sentindo a mesma vibração terna daquele dia na estrada ao lembrar que se tratava da mesma pessoa. Josef apresentou os cavaleiros para a jovem. Quando Josef perguntara a eles o que queriam como pagamento, Wiliam se apressou em responder dizendo que não iriam cobrar nada. Groisman não entendera sua decisão chamando-o para um canto pedindo-lhe explicações. Wiliam disse a seu amigo que amava aquela moça desde a primeira vez que a viu e que se ele não quisesse participar daquela jornada não teria problema, ele era livre. Mas o seu colega não desistiria, decidiu ajudá-lo a levar os três para um lugar onde poderiam viver seguros. Sem mais o que ser tratado, a viagem se iniciou Leonora, Wiliam e Groisman tinham seus cavalos, Josef e Leocádia foram com a carroça levando comida e tudo que eles tinham, além de "Dote", que se tornara um fiel amigo. No caminho, a uma considerável distancia do vilarejo, a jovem avistou uma paisagem diferente, o clima estava fresco, o verde dos vales resplandecia então, ela pediu para parar. Leonora se extasiou com a beleza daquele lugar, aspirou o ar puro e se deixou levar pelo som da natureza envolvente, todos observavam a beleza que fluía da jovem. Leocádia, em tom passivo, falou para Wiliam (que continuou a admirá-la) que sua beleza vinha de dentro e iluminava o seu exterior. Leocádia percebera um interesse diferente saindo daquele cavaleiro em direção a Leonora. Após uns minutos de descanso todos seguiram viagem e Wiliam ficara ainda mais encantado com a moça. Mais adiante, Groisman começou a arrulhar uma música, Wiliam seguia admirando a jovem. Sem se darem conta outros cavaleiros, em número de seis, saíram da floresta ao encontro deles, eram saqueadores, eles se aproximaram deixando Wiliam e Groisman preparados para um possível embate, Wiliam sussurra para seus contratantes ficarem atentos. Com o deboche característico daqueles tipos de homens, um dos saqueadores começou a perguntar o que uma jovem e dois velhos estariam fazendo pela estrada, aonde iriam (não se importando com a presença de Wiliam e Groisman). Josef pediu licença àqueles homens mal intencionados e tentou seguir com sua carroça. O saqueador debochado se irritou com a atitude de Josef e lançou uma pergunta em tom sarcástico: Onde pensam que vão? Por acaso deixei vocês seguirem viagem? Antes de atravessarem o vale devem me dar o que eu desejar! Quero ver o que tem nesta carroça! Groisman respondeu ao tal saqueador que os deixassem em paz, pois

nenhuma daquelas pessoas queria confusão. A situação piorou depois que o segundo saqueador, que assistia a tudo calado, avançou sobre Leonora colocando uma faca em seu pescoço os outros quatro cercaram a carroça exigindo que Josef entregasse a eles tudo que eles tinham Leocádia entrou em pânico. Os dois cavaleiros tentaram negociar dizendo que na carroça não havia nada de valor e que eles poderiam levar as armas deles e os cavalos, mas que soltassem a todos, então o primeiro dos saqueadores disse que aceitaria a troca, mas o outro, que estava segurando a jovem e apertando a faca em seu pescoço, olhou para o rosto da moça obrigando Leonora a olhar para ele, ela não obedeceu, ele soltou gargalhadas irônicas e disse que se ela não olhasse para ele a morte, com a faca, seria o seu fim. Leonora respirou fundo, virou a cabeça lentamente em direção ao saqueador (sem se machucar com a faca em seu pescoço) olhou diretamente nos olhos daquele homem brutal, fixou seu olhar no olhar dele, o homem ficou completamente atordoado jogando Leonora ao chão como que se livrando de um bloco de gelo a endurecer suas mãos, Josef tentou socorrê-la, ajudando- a enquanto todos os outros saqueadores ficaram com suas armas (facas e machados) apontadas para os dois cavaleiros sendo que um daqueles homens que cercaram a carroça pegou as armas dos cavaleiros que estavam no chão. O saqueador que jogou a jovem ao chão começou a injuriar contra ela dizendo: É uma bruxa, devemos queimá-la! Vamos matar todos e pegar seus cavalos, não podemos perder tempo! Mas, entre estas pessoas que vivem de roubar outras há sempre um que não aceita ordens, o que dá inicio a uma discussão entre eles. Wiliam e Groisman aproveitam a discussão entre eles para se defenderem pegarem suas armas e conseguir vencê-los em uma luta violenta onde Josef, Leocádia e Leonora não tinham o que fazer a não ser se refugiarem por entre as árvores da estrada. Quando Groisman estava para apunhalar um dos adversários, Leonora solta um grito dizendo: “Não! Não o mate! Deixe-o vivo! Não podemos matar ninguém, eles têm que sofrer, mas não por nossas mãos, o tempo mostrará para eles que estão errados. Deixe-os, por favor,”! A voz da jovem ecoou por entre as árvores, seu pedido fora atendido, mas Wiliam e Groisman não serão condescendentes com aqueles homens. Antes de partirem os dois cavaleiros deixaram os saqueadores sem as roupas, sem armas, amarrando-os nos troncos das árvores com algumas cordas que estavam na carroça. Depois daquele episódio violento os velhos foram se recompondo do susto, Leonora estava calma apenas apreensiva com o desfecho que poderia terminar aquele mal fadado incidente, os dois cavaleiros nada sentiram estavam acostumados com todo tipo de violência. Retomando seus lugares e comentando sobre o ocorrido eles retomaram o caminho que estavam seguindo. Lado a lado seguiram a cavalo Groisman e Leonora, atrás estavam Leocádia e Josef na carroça, Wiliam com seu cavalo, além de Dote que os acompanhava. Durante o percurso Wiliam, muito pensativo no pedido de Leonora, perguntou ao velho o porquê da atitude da jovem em não deixar matar os saqueadores; a resposta de Josef foi quê: Desde criança aquela jovem nunca se sentira bem com a visão de tortura e morte das pessoas. O Duque, pai dela, um senhor temeroso, sempre mandava

degolar qualquer camponês que trabalhava em suas terras se desconfiasse que estivesse sendo roubado. Muitos camponeses sofreram torturas pelas mãos do Duque de Yorkschire. Wiliam desejou entender mais sobre aquela jovem pedindo mais uma explicação: Porque Leonora lançara aquele olhar para o bandido fazendo com que ele a jogasse ao chão? Desta vez foi Leocádia quem respondeu revelando ao cavaleiro curioso sobre o magnetismo no olhar, e no toque das mãos que Leonora conseguia emitir, tudo que ela tocasse, ou olhasse profundamente, seria atingido de alguma forma, algo aconteceria sem que ninguém pudesse interferir, foi então, que Wiliam se lembrou do toque das mãos dela em sua mão quando a encontrou pela primeira vez, bem longe dali. Teria sido algo bom aquele acontecimento entre os dois? O tempo daria a resposta.

Avançaram muito no trajeto e quando a noite chegara eles resolveram parar para comer e dormir. Depois de terem arrumado um canto para deitarem (a parte atrás da carroça foi forrada com pele de animal para Leonora e Leocádia, os três homens dormiriam no chão) Leocádia e seu companheiro acendem uma fogueira e todos comem pão, uns pedaços de carne cozida embaladas em panos velhos e água. Após saciarem a fome em uma conversa sobre os saqueadores, os servos foram os primeiros a se entregarem ao sono, mas Leonora queria apreciar as estrelas, o luar. Assentada, a alguns passos da fogueira, a jovem apreciou a noite estrelada com uma suave brisa a tocar seus cabelos. Leonora cantarolou baixinho uma antiga canção que sua mãe cantava quando ela era criança. Wiliam conseguiu ouvir aquela música, não estava dormindo, ele se levantou do chão indo ao encontro de Leonora, tirou a sua capa cobrindo os ombros da jovem com carinho, Leonora olhou para ele e sorriu, agradeceu pela capa. Wiliam perguntou se poderia assentar ao seu lado, ela respondeu que sim, uma conversação se iniciou entre os dois; Wiliam perguntou onde ela pretendia ir, ela lhe disse que confiava em seus amigos, que estava sob a proteção deles, mas olhando suavemente para Wiliam, disse que estava sob a proteção dele e de seu amigo, também. Wiliam disse que conhecia um lugar onde moravam pessoas simples nos quais eles poderiam confiar, mas para chegarem até lá deveriam pegar um barco e cruzar o grande rio. Wiliam perguntou para Leonora se ela teria alguém que esperava por ela. Leonora respondeu que não, seu objetivo era viver em paz, ajudando as pessoas, ter um companheiro para partilhar a vida, ter filhos, uma terra para cuidar. Wiliam, por sua vez, contou como fazia para viver, ela olhou para ele, passou a mão em seu rosto e disse que ele era bom, que sentiu sua bondade desde o primeiro dia em que o viu, naquela estrada perto do castelo onde morava. Leonora contou lhe sua história, como chegou até o vilarejo onde moravam seus amigos Leocádia e Josef. Depois de conversarem por um tempo ele segurou levemente nos braços dela e os dois levantaram juntos, ele se aproximou dela e quando foi beijá-la Leocádia chamou Leonora, ela lhe deu um beijo no rosto se encaminhando para a carroça. A criada sorriu desconfiada para o cavaleiro que ficou extasiado com o gesto da jovem. Sem mais o que fazer, Wiliam

deitou-se na relva verde, seu amigo Groisman pode ouvir um pouco da conversa entre ele e Leonora e disse: “É melhor dormirmos, o dia foi cheio de surpresas, não sabemos o que nos espera amanhã”. Wiliam olhou para ele concordando, virou para o lado e todos foram descansar para darem seguimento, no dia seguinte, àquela jornada.

O senhor feudal, e alguns camponeses que trabalhavam para ele, chegaram ao terceiro vilarejo ao anoitecer. Todos desceram de seus cavalos e saíram de porta em porta perguntando por Leonora. O menino que havia ajudado Josef a encontrar os dois cavaleiros avistou aqueles homens estrangeiros. Chegando perto deles o menino pediu um pedaço de pão, o Duque empurrou o garoto que caiu ao chão. O menino se levantou insistindo em ganhar um pedaço de pão, mas o pai de Leonora perguntou o que ele queria. O menino respondeu que estava com fome, que sua mãe passava por necessidades precisando de ajuda para comerem. Um dos homens que acompanhavam a caçada a Leonora perguntou ao menino se ele vira alguma jovem por ali (o homem descreve a forma física de Leonora). O garoto revelou que no dia anterior uma moça e dois velhos saíram do vilarejo junto com dois homens a cavalo e apontou com a mão a direção que eles seguiram. O Duque arregalou os olhos, jogou o garoto no chão com o pé, o garoto levantou e saiu correndo. O senhor feudal falou com voz carregada de furor: “Amanhã seguirei na caçada, vamos alcançar Leonora, onde ela estiver. Ela me pagará por tudo isso. Se aqueles dois traidores estiverem com ela eu mesmo os matarei”! O acampamento é levantado pelos servos onde eles passariam a noite. No dia seguinte os seis camponeses e o Duque saem do vilarejo, o dia amanheceu chuvoso, a temperatura subiu, fazia frio, mesmo assim o senhor não cedeu, iria onde fosse preciso até encontrar Leonora. No mesmo instante, com um dia de diferença, o pequeno grupo (a jovem e os demais) seguira viagem, tudo ia muito calmo até que ao avistarem uma casa velha, no caminho que seguiam, pensaram em parar para pedir um pouco de água.



De repente uma senhora (com feições assustadoras) saiu da casa indo direto ao encontro deles começando a falar para Leocádia com um idioma desconhecido, de maneira vulgar e desenfreada. Atrás dela, correndo, surgiu outra pessoa, uma garotinha de mais ou menos oito anos de idade, que gritava: Socorro! Socorro! Esperem! Ajudem me! Josef olhou para Leocádia dizendo que algo de errado estaria acontecendo. Todos ficaram parados, Josef desceu da carroça, segurou aquela senhora e chamou Leonora que desceu de seu cavalo chegando perto da senhora, olhou para ela como quem olha para uma pessoa doente sem forças para reagir e se prontificou a ajudá-la: Leonora abraçou a criança, Groisman e Wiliam amarraram os cavalos, empurraram a carroça para fora da estrada. Josef levou a senhora para dentro da velha casa. No pequeno cômodo, sem janelas e todo feito de madeira com piso de chão batido todos se acomodaram, uns em bancos de madeira, outros encostados nas madeiras da velha casa. Leonora começara a suar frio e sentir dores pelo corpo, todos se preocuparam com ela, Wiliam colocou a jovem

recostada em seu peito, no chão, Groisman permanecera do lado de fora da casa, em guarda. Os dois cavaleiros não entendiam nada, mas estavam como Josef havia pedido, em atitude de calma. A criança ficou com a velha que foi colocada em sua cama de palha deitada em outro pequeno cômodo separado por um pano fino que servia como cortina. A criança estava assustada. Havia dentro daquela velha casa um espirito que Leonora conseguiu sentir, ela se levantou do chão deixando Wiliam intrigado com sua fisionomia que modificava a cada passo que ela dava em direção ao banco pequeno que estava a sua frente. Leonora pediu silencio a todos. Leocádia avisou Groisman para que continuasse de vigia. Leonora assentou no pequeno banco. Josef ficou ao seu lado. Leonora, com uma respiração profunda foi se transfigurando podendo ver o espírito encostado na parede de madeira perto da porta, o necromante começou a falar coisas estranhas através da jovem que teve sua voz modificada, os olhos se fecharam, seus lábios estremeceram a cada palavra. O servo começara a questionar aquele espírito descobrindo que ele assombrava a velha senhora na tentativa de que ela enlouquecesse, mas o servo explicou e suplicou para ele não provocar tal situação e entender que não vivia mais naquele mundo, que deveria se retirar dali e seguir seu caminho. O espírito do “morto” se retirou com a fala de Josef. Aquele momento, que ficaria na mente de Wiliam e da criança (que assistiu tudo agachada por debaixo da “cortina” do cômodo onde a velha senhora dormia) durou trinta minutos, mas pareceu uma eternidade. O espírito desapareceu, a jovem se recuperou, eles pediram para a velha senhora se poderiam ficar alojados ali até conseguirem ajudar efetivamente a ela e a criança amedrontada. Wiliam, preocupado com Leonora, se colocou ao lado dela e perguntou se ela estava bem. Ela explicou a ele que não acontecia nada de mal a ela e aquele jeito de falar vinha do necromante e não dela. Ela sabia que era difícil alguém entender o que se passava com ela naqueles momentos de liberação do seu poder na comunicação com os “mortos”. Em uma tentativa de deixar Wiliam mais tranquilo, Leonora garantiu a ele que sempre se sentia feliz em poder ajudar tanto os vivos como os “mortos”. Wiliam ficou pensativo, pois tudo era estranho aos seus olhos. Josef havia escutado a conversa dos dois porque ele protegia a jovem e depois que Leonora se afastou do cavaleiro e foi ao encontro de Leocádia, Josef sentiu necessidade de conversar com aquele cavaleiro que também saiu da velha casa e foi ficar junto de seu amigo. Do lado de fora daquele casebre os três começaram uma conversa: Groisman queria saber o que aconteceu dentro da casa, pois escutou uma voz diferente, Wiliam se sentiu confuso sem saber o que responder para seu amigo no que Josef explicou, com a simplicidade de um camponês, que a menina podia “falar com os mortos”, pedindo aos dois que não incomodassem a jovem que ela era uma pessoa muito bela e não merecia nada de mal e, que não contassem a ninguém o que viram e ouviram, pois ninguém entenderia. Se o Duque ficasse sabendo do que havia acontecido, todos estariam perdidos. Wiliam explicou ao servo que na verdade se apaixonou pela jovem e que iria defendê-la com a própria vida se fosse preciso, mas pediu a ele que não contasse a ela. Josef ficou surpreso com aquela

revelação prometendo não contar a ninguém. Groisman, que já sabia do amor do colega pela jovem, confirmou com o balançar de sua cabeça. Foi quando eles se deram conta de que a noite chegara com o céu estrelado, todos estavam cansados e decidiram entrar para o casebre e dormir, a senhora da velha casa já estava dormindo. Leonora entrou em sono reparador dormindo encostada no ombro de Wiliam dentro da casa. Groisman se ajeitou no chão perto da porta da casa, os servos dormiram na carroça e levaram a criança para dormir com eles. Josef, pensativo, não conseguiu esconder de Leocádia a revelação de Wiliam e contou a conversa que tivera com os dois cavaleiros. Josef disse estar surpreso com tamanha sinceridade que saíra dos olhos e da boca de Wiliam, ficando inteiramente satisfeito por ter um aliado, mas preocupado com o futuro da jovem. Leocádia sentiu alegria pela notícia dizendo que o tempo se encarregaria de mostrar o caminho que fosse melhor para a Jovem Leonora, ela abraçou seu companheiro, reparou que a criança estava tranquila e todos dormiram.

No alvorecer da manhã seguinte, depois que todos haviam acordado se reunindo no cômodo do casebre, o som de alguém se aproximando quebrou o silêncio da manhã. Era o pai da menina, filho da velha senhora. Ele entrou na choupana trazendo uma caça e jogou em cima da mesa de forma brutal porque se deparou com todas aquelas pessoas estranhas em seu casebre. Todos ficaram quietos, a velha senhora explicou para seu filho quem eram aquelas pessoas, porém seu filho não queria gente estranha por ali, muito menos que se intrometessem em suas vidas que já era muito difícil sem a mãe da garotinha para cuidar dela, uma velha doente e ele sem ter como trabalhar. Sua velha mãe tentou falar que no dia anterior ficara muito mal sendo socorrida por aquelas pessoas que prestaram uma grande caridade a ela e sua garotinha. A senhora continuou dizendo que precisava alimentar os novos amigos, iria assar aquela carne fresca que seu filho trouxera para todos comerem. Groisman agradeceu a bondade daquela senhora dizendo que estava com muita fome, sendo muito bom comer com eles. O pai da garotinha, irredutível com um machado na mão, não concordou com sua velha mãe ameaçando aqueles intrometidos (era este seu julgamento sobre a pequena comitiva de viajantes que estava em sua casa). Os dois cavaleiros se colocaram a postos para um possível confronto, mas Josef, calmamente, pediu para o filho da velha senhora guardar seu machado por que nenhum deles fariam mal a ninguém. O pai da criança esbravejou calúnias contra todos, enquanto isso Leonora começou a sentir os mesmos calafrios e dores pelo corpo que sentiu no dia anterior quando entrou naquela casa. A discussão entre mãe e filho se tornou calorosa, a criança correu a se esconder no quarto, Leocádia amparou Leonora, os dois cavaleiros se armaram contra o filho daquela senhora, como se não bastasse, Dote latiu sem parar do lado de fora da casa velha. Mas o desfecho de tal desentendimento fora com o espectro do “morto” aparecendo para a jovem: Leonora viu o espírito atrás da porta do casebre, seguiu em direção à porta

abrindo-a e lá estava o “morto” (Dote latia com ele, porque viu o espírito se dirigindo até a casa).

Então, devido ao estranho procedimento de Leonora, a discussão foi interrompida, o silêncio imperou. Leocádia ficara perto da jovem, Wiliam e Groisman embainharam suas espadas, o filho da senhora se afastou receoso, e a velha, sua mãe, gritou: “É o demônio! Eu sei! Ela está sentindo a sombra que ameaça nossas vidas”! Leonora, como uma sonâmbula, começou a revelar fatos da vida do pai da garotinha, coisas que somente ele sabia, nisto o homem se assustou, olhou para a jovem e perguntou por que ela falava tudo aquilo. O espírito respondeu, através de Leonora, com uma risada sinistra, que o conhecia bem, que ele matou sua mulher por vingança, que ele era cruel. Josef interviu começando a conversar com o espírito, Leocádia passou a pedir silêncio, a todos, mas o necromante se mostrou irredutível e lançou todo o seu furor contra o pai da garotinha proferindo ameaças contra ele, Leonora se contorceu. Temendo pelo equilíbrio da jovem, Josef pediu que o filho da velha senhora se retirasse daquele cômodo, o homem rude apelou e não se retirou respondendo que aquela era sua casa e quem deveria sair era aquela moça que estava causando problemas com aquela conversa esquisita. O ambiente se tornou pequeno para todos, Wiliam impõe com um gesto expressivo para o filho da velha senhora sair, Groisman o levou a força para fora da casa, ficando lá com ele. O momento culminante é chegado quando o espírito começou a chorar e a dizer que sofrera muito pela morte de sua mulher devido a esta lembrança, o “morto” foi diminuindo o tom de voz e se rendendo, a jovem se equilibrou novamente, porém com um cansaço visível deixou que o espírito proferisse suas últimas palavras de sofrimento e dor. Wiliam, num impulso para aliviar Leonora, falou, com voz acentuada para aquele ser que a dor todos podemos sentir em algum momento da vida, mas que ela sempre passará quando ficamos livres com a morte. O “morto” foi se acalmando pedindo para que o “levassem” até o lugar onde sua mulher fora enterrada. Conduzindo Leonora sonambúlica Wiliam chegara a um lugar nos fundos da velha casa (que a velha senhora sabia onde houvera sido enterrada uma mulher). Todos acompanharam o cortejo, menos a criança que ficara com o Dote no quarto. Em frente à pequena cova o espírito chorou e pediu desculpas a todos desaparecendo para sempre, Leonora caiu desfalecida enquanto Wiliam a segurou em seus braços levando-a para o único quarto da velha casa permanecendo ao seu lado. A criança, com medo, foi ao encontro da velha senhora. Leocádia se dirigiu para a porta da casa falando para o pai da criança que estava tudo terminado, o homem pediu desculpas dos seus erros para sua velha mãe dizendo que não queria matar a mulher, mas na briga com outro homem, que estava acompanhado pela vítima, acabou matando-a, depois do ocorrido não soubera onde o tal homem, que brigou com ele, foi parar depois da morte da mulher, que fora enterrada no fundo da sua casa, sendo que ele mesmo a enterrou. Arrependido saiu correndo da casa, imediatamente sua velha mãe pediu a todos para deixarem-no sozinho. O clima ainda era de suspense

por tudo que haviam presenciado apenas Groisman não se abateu, ele se juntou a todos dentro do pequeno cômodo e disse que estava com muita fome, olhou para aquele animal morto em cima da mesa, Leocádia entendeu seu olhar e pediu licença à velha senhora para assar aquela carne. Josef acendeu a fogueira do lado de fora da casa, o frio aumentara. A senhora se sentiu melhor na companhia daquelas pessoas bondosas. Ao assar a carne, Leocádia, Josef, Groisman, a criança e sua velha avó se reuniram para comer, ninguém ousou comentar sobre os momentos difíceis e assombrosos de horas atrás. Depois de um dia em que todos se sentiam mais recuperados, Leonora que dormira no pequeno quarto na cama de palha, acordou e viu Wiliam recostado na borda da cama. Ela sorriu e quando percebeu que ele estava acordando perguntou se ele estava pronto para seguir viagem, ele por sua vez ficara encabulado com tamanha disposição de Leonora que acordara bem depois de tudo que aconteceu. Os viajantes, agora amigos daquela pequena família, se arrumaram e o pai da criança, que retornara sem que ninguém suspeitasse, entregou lhes provisões; Uma lebre morta e água. Todos se despediram a velha senhora agradeceu com lágrimas no rosto tudo que eles haviam feito por ela e seu filho, a criança correu em direção à carroça em seus primeiros sacolejos e com um olhar inocente lançou seu sorriso à Leocádia e Josef, que ficaram comovidos. O adeus à Leonora e aos cavaleiros se seguiu até que a carroça, os cavalos e Dote desaparecessem no horizonte.

QUARTA PARTE

Depois de horas de viagem e o silêncio no ar a pequena comitiva chegara ao local onde iriam conseguir um barco que pudesse levá-los à outra margem do rio. Groisman saberia onde encontrar tal pessoa combinou com Wiliam que ele ficaria com os servos e a jovem enquanto ele iria atrás do barqueiro. E assim, Groisman entrou em meio às árvores que circundavam aquele lugar meio sombrio.



Chegando a um esconderijo com pedras o cavaleiro recitou a senha: “O cão selvagem apareceu no frio do inverno para comer o que encontrar pela frente” Dois minutos depois apareceu na entrada do esconderijo um homem com uma capa escura e velha, dizendo:

Quem é você? O que quer? Groisman respondeu que era um conhecido do tempo de lutas e guerras querendo atravessar o rio com algumas pessoas. O homem misterioso caminhou em direção para onde estava Groisman a fim de ver melhor seu rosto. Reparou bem em suas feições e reconheceu o cavaleiro da cruzada, levantou sua espada enferrujada (que ele mantinha dependurada por um cordão na cintura) escondida dentro da sua capa grossa de couro. Aquele homem misterioso havia lutado com os dois cavaleiros pelo mesmo lado, após deixarem de participar da guerra ele se refugiou naquele local, sem contato com qualquer pessoa. Seu serviço se resumia em atravessar, a barco, os interessados que aparecessem, mas para isso acontecer deviam se identificar através da senha e pagar aquilo que fosse exigido por ele. O tal homem estava fisicamente aquebrantado pelos anos de vida e pelas condições que permanecia na floresta, como um ermitão. O homem misterioso saudou Groisman, os dois se abraçaram, eles caminharam até encontrar o restante da comitiva que aguardou Groisman. O homem misterioso reparou em todos dizendo que cobraria pela travessia do rio. Wiliam perguntou como seria o pagamento. O barqueiro respondeu que eles deveriam deixar tudo que tinham para traz; A carroça e os cavalos, e algumas moedas. Eles concordaram, pois no barco não haveria como levar a carroça e os cavalos. Mas, Leonora pediu para que o cachorro pudesse ser levado. O barqueiro aceitou o pedido, então todos se ajeitaram no barco iniciando a travessia. A algumas léguas atrás se encontrava o Duque e seus servos que passaram em frente à casa da velha senhora socorrida por Leonora e seus amigos. O Duque pensara que os fugitivos poderiam ter entrado naquela casa, mandou que um de seus servos perguntasse sobre Leonora. A velha senhora contou-lhe tudo o que aconteceu em sua casa com a moça que eles procuravam, disse que ela e, as pessoas que estavam junto com ela, saíram de sua casa no dia anterior (ela não fazia ideia de quem aqueles homens poderiam ser) O servo passara as informações para seu senhor que ficara rubro de raiva ordenando ao servo que montasse em seu cavalo, seguindo rapidamente com a caçada aos fugitivos e traidores. O tempo de encontrá-los estava próximo.

Na travessia do rio os companheiros de jornada se encantaram com a beleza da água. O frio aumentara a cada remada do barqueiro e os dois cavaleiros ajudaram o velho amigo de cruzada. A paisagem era deslumbrante, parecia que aquele momento suavizara as tensões vividas por todos naqueles dias de fuga e surpresas pelos caminhos. O ar estava limpo, respirar pausadamente com prazer, foi o que Leonora fizera, seguida por seus amigos que se entreolharam dando ênfase ao riso que tomou conta daquela pequena comitiva que procurava paz para viver. A chegada ao vilarejo que iriam residir estava ao alcance deles, faltando poucas remadas para chegarem ao outro lado da margem do rio, em terras mais frias, eles poderiam viver em paz, era o que eles acreditavam. Algumas poucas horas se passaram e o barco chegou à margem, os viajantes desceram e pisaram naquela terra molhada e fria, mas promissora. O barqueiro aguardou o retorno dos cavaleiros em

seu barco como combinado com os servos, os amigos de Leonora. Levar os três até um lugar “seguro”, este era o trato entre eles. Josef e Leocádia, como que despedindo dos cavaleiros, agradeceram a eles tudo que fizeram, mas de repente, sem que ninguém suspeitasse, Wiliam olhando para Leonora, revelou que seu lugar era junto dela, porque o que era importante em sua vida estava bem à sua frente. A jovem aproximou-se de Wiliam dizendo que também o amava, num emocionante acontecimento os dois se abraçaram ali mesmo na margem do rio, a contemplação dos servos em ver a cena de amor verdadeiro se fez presente, Groisman de súbito, lançou a ideia de realizar uma cerimônia, entre eles, consolidando o amor dos dois, todos concordaram ficando contentes com aquela proposta, o servo lembrou que deveriam procurar algum lugar para viverem naquela terra (havia vilas por toda parte). A felicidade reinou naquele momento desejado por Wiliam e Leonora. Groisman se sentiu feliz por seu colega, mas decidiu que após a cerimonia iria continuar naquela vida sem destino certo. Josef se preparou, como cristão que era realizou de forma simples e sincera os pedidos para que o seu Deus cristão envolvesse aquele recém-casal em nuvens de proteção e bênçãos. A despedida de Groisman a todos, em especial ao seu companheiro de cruzada se fez com um forte abraço e aperto de mão, para Josef e Leocádia desejou vida longa, à Leonora uma vida feliz e em paz com seu poder de ajudar a quem necessitasse. Retornando com o barqueiro, Groisman desapareceu na paisagem nevoada do rio.

Os servos, Wiliam e Leonora adentram à pequena vila que escolheram para viver próxima ao rio. Depois de instalados em uma casa simples, feitas algumas arrumações, a noite chegara, Leonora se enfeitou com flores simples que encontrara perto do rio, Wiliam ficou encantado com sua beleza, naquele instante eles dariam lugar aos sentimentos puros do amor que sempre encanta a vida simples e aconchegante dos sinceros enamorados. Josef proferiu palavras de gratidão e ternura para Leonora e Wiliam, segurando em suas mãos. Leocádia deixara escorrer, de seus olhos, lágrimas de emoção. A vida seria nova, repleta de promessas encantadoras para os dois apaixonados. O luar banhou a todos com uma luminosidade diferente no semblante de cada um devido ao dia feliz que eles tiveram. E assim, puderam dormir sossegados. Na manhã seguinte eles decidiram começar a organizar tudo: Água, poço, janelas, telhado, uma pequena roça onde poderiam plantar algumas leguminosas, tudo feito em clima de harmonia. Levaram uma semana arrumando aquele cantinho pacífico para viver. A madeira para reforma da casinha fora facilmente encontrada. Os jovens, apaixonados, sempre davam um jeito para ficar mais próximos um do outro, Josef ficara de olho, Leocádia dizia a seu companheiro para deixar os dois em paz por que eles estavam felizes. Depois de tudo arrumado Josef decidiu sair à procura de algum serviço que pudesse fazer. Leocádia fora com ele para conseguir algumas sementes de trigo ou aveia. Leonora e Wiliam ficaram na casinha. Chegando à vila os servos começaram a perguntar aos moradores onde poderiam conseguir trabalho e como adquirir

sementes das quais eles precisavam, ficaram um bom tempo na vila retornando ao entardecer. Os servos, sem perceberem que estavam sendo seguidos, entraram na casinha, conseguiram um pouco de pão, mel e aveia para comerem juntamente com o jovem casal. Passado um tempo em que eles comiam e conversavam animadamente sobre a nova vida, o alarme do cão “Dote” assustou a todos, alguém batia na porta, Wiliam ao abrir a porta avistou um sacerdote e um homem ao seu lado. Todos se assustaram com a visita inesperada e o padre pediu para entrar, quando a jovem olhou para ele sentiu algo estranho. O sacerdote sentou-se à mesa e começou a comer a comida deles dissimulando perguntas sobre todos: Quem eram eles? De onde vinham? Por que estavam ali? Os servos olharam para Wiliam respondendo os questionamentos com evasivas, a jovem, de cabeça baixa, ficou calada. O padre notou aquela jovem diferente e se aproximou dela pedindo para que ela levantasse a cabeça, quando foi para pegar nos cabelos de Leonora, Wiliam torceu seu braço aterrorizando-o, os servos tentaram acalmar Wiliam, mas o padre saindo aos tropeços da casinha deles dissera que eles deveriam prestar conta a igreja de tudo que fizessem, ou seriam considerados hereges. Depois que o sacerdote e seu informante sairam Leonora comentou o acontecido sem entender bem o que se passara, perguntas foram levantadas; Como descobriram que eles eram desconhecidos naquele local? Porque aquele padre fora ameaçá-los? Quem era o outro homem? Ficaram a indagar, mas sem respostas preferiram ter mais cuidado, sem mais o que fazerem descansar foi preciso. Quando a jovem estava dormindo uma visão lhe apareceu em sonho, que fora assim: Leonora saira do corpo, porém ligada a ele, como ave flutuante percorrera as ruas da vila até chegar à praça enlameada, lá ela conseguiu ver os servos enforcados em grossas cordas, dependurados em grandes troncos de madeira onde os corvos comiam suas carnes ensanguentadas. Assustada ela voltou imediatamente para o corpo acordando fadigada e exclamando ao seu amado que tivera um sonho ruim. Wiliam abraçou Leonora e perguntou o que tinha acontecido, ela lhe contou o sonho ficando com medo porque sabia que suas visões, em sonhos, poderiam acontecer. Amanhecendo, Leonora desejou falar com Josef e Leocádia, que já estavam despertos para irem à vila. Ela insistiu para eles não irem, mas o servo dissera para ela não temer que tudo correria bem. Ela os viu partir com muita suspeita em seu coração, Wiliam a confortou, nada podiam fazer. Depois de um tempo que seus amigos saíram ela continuou preocupada, Wiliam não queria vê-la sofrer, decidiu ir atrás deles para protegê-los, ela agradeceu se despedindo de seu amado cavaleiro com um forte abraço. Na vila Josef e Leocádia foram abordados por guardas da igreja (os próprios moradores da vila que serviam à igreja) sendo levados aos fundos da igreja. Depois de umas horas Wiliam chegara à vila, mas não conseguiu encontrar os servos. Wiliam avistou a igreja, decidindo entrar lá, empurrou a grande porta de madeira e pode ver o padre se dirigindo para o fundo do templo, Wiliam correu em direção ao padre, pegou firme no braço dele perguntando sobre seus amigos, o sacerdote, falsamente, dissera que não sabia do paradeiro dos servos e fez ameaças de excomunhão ao cavaleiro

devido àquela atitude, no que Wiliam respondeu que aquele tipo de ameaça não significava nada para ele. Wiliam não acreditou no padre, mas não viu outra solução a não ser retirar se. No fundo da igreja (uma cela pequena e escura com paredes de pedra e grades de ferro) estava o sacerdote, o Duque (pai da jovem) que procurou sua filha desde sua fuga, dois homens encapuzados, e o monge que acompanhou o Duque, os servos do Duque aguardavam do lado de fora da Igreja. Josef e Leocádia foram levados para a tal cela. Na conversa entre o Duque e o sacerdote, o pai da jovem afirmara que aqueles servos traidores haviam roubado sua filha e que praticavam atos demoníacos. Os amigos de Leonora desmentiram e tentaram explicar o que realmente havia acontecido no castelo do Duque. As explicações foram em vão, nenhum deles estavam interessados nas explicações daqueles servos que nada valiam então, nos pés de Josef e Leocádia foram colocadas correntes de ferro, sendo iniciados, ali mesmo pelos homens encapuzados, os açoites. O Duque sorria de contentamento, o sacerdote virou as costas perguntando ao Duque o que ele gostaria que fosse feito por que os açoites não poderiam continuar dentro da igreja, o Duque dissera que o enforcamento seria a única forma de limpar a mancha de pecado que estava em seu castelo ficando estabelecido entre eles o enforcamento. O monge confirmou tudo com o sacerdote que deu o sinal para aqueles homens encapuzados pararem com aqueles açoites e e retirarem para fora da Igreja. Do lado de fora da Igreja ficara Wiliam que não aceitara a conversa manipulada do padre, dando meia volta retornou à igreja, ao entrar avistou o padre, o monge e o Duque saindo pelos fundos dando ordens aos soldados para fazerem os preparativos de um enforcamento na praça. Wiliam se escondera para não ser visto por ninguém, conseguiu ouvir tudo sem que nenhum deles pudesse perceber, entrou na cela onde estavam os servos com os pés presos em correntes, tentou pegá-los, mas os guardas (que foram colocados de vigia) lutaram com ele, Wiliam conseguiu ferir um deles, mas o Duque chegou atrás do cavaleiro, que enfrentava o último guarda, o Duque fazia menção de penetrar uma faca na cintura do cavaleiro quando Josef, mesmo acorrentado, empurrou o pai da jovem fazendo-o cair (a faca passara de raspão no ombro de Wiliam) o outro guarda lutou com o cavaleiro não conseguindo vencê-lo. Wiliam, sem perda de tempo, chamou Josef e Leocádia para saírem rápido daquela cela depois de ter cortado, com a espada de um dos guardas, as correntes dos pés dos servos, mas ao saírem encontraram um aglomerado de pessoas, os moradores da vila, que avisados, agarraram os servos e os arrastaram para praça empurrando o cavaleiro. O guarda, que se recuperou primeiro, correra rápido para fora da Igreja, segurou Wiliam com a ajuda de seu companheiro (que se levantou meio tonto ainda) ele tentou escapar, mas foi atingido na cabeça e desmaiou. Os servos foram levados para a praça, o sacerdote inflamado proferiu o discurso de acusação aos inocentes, o povo eufórico batera palmas exigindo a execução dos acusados de bruxaria chamando-os de hereges, o pai da jovem com olhar sério assistiu a tudo em pé, glorioso em sua vingança, o monge que acompanhara o Duque se escondeu na Igreja. Josef e Leocádia foram amarrados de costas um para o outro no tronco de madeira, a boca

vedada com panos imundos, lágrimas escorriam dos olhos daquelas pessoas inocentes sem nada poderem fazer. O enforcamento teve sequência. A cena macabra de horror fora vista pelo cavaleiro na pequena janela de ferro daquela cela fria e desumana, Wiliam que subira em um elevado de pedra dentro da cela, deixara seu corpo cambalear até o chão ficando imóvel de tristeza, não acreditara que o sonho de sua Leonora se tornara realidade, tentou salvar os amigos, mas não conseguira. A maldade reinara mais vez. Wiliam sentiu um misto de raiva e angústia, matara muitas pessoas na cruzada que participou com seu companheiro Groisman, mas quando pode se unir à Leonora sua vida mudara por completo, matar não havia mais sentido. Wiliam pensou em Leonora, em sua reação ao saber do ocorrido, ele tentou abrir a cela em vão, as ferragens eram duras demais, então se recostou no canto e lá esperou. Quando Josef e Leocádia foram enforcados a jovem em sua simples casinha sentiu a vibração triste daquele momento cruel, ela estava sentada na sala de olhos fechados quando sentiu o impacto do enforcamento, respirou como se estivesse saindo de um afogamento ficando com os olhos cheios de lágrimas. Não conseguindo ficar esperando por notícias Leonora montou rumou para a vila. Chegando às primeiras ruas da vila a jovem não viu ninguém, passou devagar em frente às casas quando de repente, ao fundo da pequena praça, ela constatou a visão do sonho que tivera lentamente Leonora se aproximou do “palco” de tortura perdendo as forças das pernas, caminhou cambaleante até ajoelhar-se aos pés dos seus amigos que foram deixados no local para que todos pudessem se lembrar do castigo pela desobediência à “santa igreja”, mas a vontade do Duque fora cumprida, também. Leonora chorou convulsivamente. Na cela da prisão, nos fundos da igreja, o Duque irá confrontar o cavaleiro, este perguntou como foi que ele (o Duque) poderia ter chegado tão rápido naquela vila, o nobre feudal respondeu que havia chegado ali por terra. Sem mais conversa o Duque dissera para Wiliam levá-lo até Leonora, antes de matá-lo. Os servos que acompanhavam aquele nobre fizeram Wiliam ficar de pé, a grade de ferro da cela fora aberta, todos seguiram em direção à porta da igreja, quando os servos do nobre abriram a porta Wiliam ouviu o choro de Leonora, driblou os servos correndo ao seu encontro, o Duque deixou que ele fosse seguindo-o. Wiliam, chegando próximo à Leonora, ficou estático ao ver os criados enforcados, ajoelhou-se, se sentindo impotente. O nobre feudal chegara atrás dele e avistou Leonora, os servos do Duque aguardavam novas ordens. O nobre aproximou-se, Leonora pode sentir sua vibração virando-se devagar com os olhos em pranto e as mãos trêmulas. Leonora viu um Duque carrasco e não um pai, se aproximando dele, com a voz embargada de emoção triste, ela perguntou por que tanta maldade. O nobre olhou para ela ordenando que ela voltasse com ele para o castelo e lá ele resolveria o que fazer com ela. Leonora, por um instante, parou de chorar e tentou entender o que se passava na mente daquele homem cruel. Ela perguntou novamente o porquê de tamanha maldade. O Duque não respondeu pela segunda vez, falou para ela parar com aquela cena e voltar com ele para o castelo. Leonora ficou indignada e gritou com ele dizendo: Pare de falar para que eu volte a morar com você! Eu lhe fiz uma pergunta,

responda! Mas, o Duque indiferente ao sofrimento da filha esbravejou com seus servos para que arrumassem os cavalos, olhou para os lados vendo a plateia dos moradores daquele vilarejo, gritou com todos para que sumissem de sua frente no que todos obedeceram correndo para suas casinhas. Wiliam tentou fazer com que Leonora desistisse da conversa com seu pai buscando acalmá-la com seu olhar compassivo. O sacerdote do vilarejo e o monge assistiam a tudo calados A mente da jovem iniciou uma retrospectiva de todos os episódios iniciando pelo castelo antes da expulsão de seus amigos, passando pelo quase enforcamento de Josef, a conversa com sua mãe, a fuga pela floresta, o encontro com os cavaleiros, o reencontro com os amigos no vilarejo, o duelo com a outra médium, o socorro àquela velha senhora, o frio, a fome, o cansaço e por fim chegara naquele momento em que as vidas de seus amigos foram ceifadas, tudo parecia um sonho e não uma realidade, então ela pensou: Como viver assim!. Leonora, sentindo um pouco de culpa pela forma que seu pai agira não poderia fazer nada para trazer seus amigos de volta, seus poderes não poderiam realizar o impossível, com os olhos magnetizados fez sua voz ecoar por entre as árvores dizendo para aquele senhor feudal: “Quem são meus pais? A minha casa está onde eu possa ajudar as pessoas, confiante em meus poderes. Perdi meus melhores amigos, mas por eles irei continuar com a minha vida, bem longe de sua crueldade. Você é um doente, tenho pena da Duquesa, sua escrava! Fique longe de min! Se tentar encostar sua mão em mim irei lhe arrebatar e sua cabeça baterá em alguma árvore!” Neste instante um dos servos que servia ao Duque, desde o primeiro dia da caçada à jovem Leonora, tentou proteger o nobre feudal se colocando em sua frente. Com todo furor o Duque empurrou seu servo, se aproximou da jovem levantando seu braço para esbofeteá-la, Wiliam num ímpeto em proteger sua amada saiu em sua defesa, mas Leonora imbuída de uma força antinatural direcionou suas mãos magnetizadas para as árvores daquele lugar.



E um ventania deu início assustando a todos, o vento fora tão forte que dobrara vários galhos fazendo um som estridente como um tufão, os moradores da vila saíram de suas casinhas (que estavam sendo “sacudidas” por aquele fenômeno assustador) apavorados numa tentativa de fuga mata adentro, o servo que se colocara à frente de Leonora fora jogado para longe como uma pena sem rumo, Wiliam assistiu a tudo sem nada lhe acontecer, pois ao seu redor a ventania não chegara, ele estava protegido pelo pensamento de Leonora, o pai da jovem se agarrando a um tronco de árvore ficara com a face deformada pela força do vento podendo ver um pouco do poder de sua filha, a estrutura da Igreja ruíra pedra por pedra, o sacerdote e o monge tentaram fugir, mas suas pernas foram esmagadas por galhos frondosos. Os restantes dos servos correram sem sucesso sendo arrastados para longe pela ventania. Leonora ainda dirigiu seu olhar, pela última vez

para os corpos dos criados, Wiliam, com toda sua força física, atravessou por entre a força magnética de Leonora e gritou seu nome; Leonora! Ela se virou para ele e foi diminuindo gradativamente a sua concentração como se estivesse voltando de outro planeta, o silencio reinara naquele vilarejo destruído. Wiliam abraçou sua amada ajudando-a a se refazer e os dois foram se afastando daquele lugar. O Duque ficara paralisado com sua face deformada. Daquele dia em diante, que marcaria a vida de todos os presentes para sempre, a jovem Leonora nunca mais veria sua mãe e aquele a quem ela não considerava como pai.

ACONTECIMENTOS FINAIS

De volta à casa simples, depois de uns minutos de silêncio Leonora e Wiliam sabiam que a permanência naquele lugar não seria mais possível, eles arrumaram suas coisas para que no dia seguinte pudessem partir dali levando Dote. Com os raios do sol apontando no horizonte iluminando um local conhecido como “Porto dos Mares” o casal embarcara com mercadores que navegavam pelo Atlântico Norte. Depois de um dia navegando pelas águas marinhas eles aportaram à Irlanda do Norte. Conseguiram uma casinha para morar através da ajuda de um ferreiro, afamado por seus dons místicos e artesanais em transformar o metal precioso em armas e utensílios, o ferreiro logo percebeu que aquela moça estrangeira carregava consigo algo valioso só não sabia o quê; Por enquanto. Wiliam voltara a ser camponês e os dois passaram a viver naquele lugar distante. Depois de um mês de vida naquelas terras geladas, cada um em seu trabalho do dia a dia, Leonora que estava a buscar água no poço teve uma sensação agradável, fechou os olhos, se concentrou e pode verificar a presença dos seus amigos a uns passos à sua frente. Os espíritos de Josef e Leocádia acenaram para ela dando adeus, ela percebeu que se tratava de uma despedida. Uma nuvem, em torno deles, os conduziu ao mundo dos invisíveis.



Leonora compreendera que a partida de Leocádia e Josef se fizera naquele instante e lágrimas de alegria, ao vê-los pela última vez, escorreram de seus olhos. Wiliam se aproximou dela, Leonora contou-lhe sua visão, os dois se abraçaram, encheram o balde com água caminhando para dentro da casa, a porta foi fechada. Wiliam e Leonora estavam apenas começando uma vida de muitas descobertas e esperanças! Leonora, num futuro próximo, contaria com a ajuda preciosa de uma pessoa importante e conhecedora dos poderes ocultos: O ferreiro.

SOBRE A AUTORA

LUCIEN GUYMEN

- Nascimento: 21/09/1964 em Uberaba MG.
- Formação: 1) Magistério na Dança nas décadas de 1970-80 pela Escola de Ballet Beth Dorça Vitale em Uberaba-MG. Atuação na área durante 25 anos como Professora, Bailarina e Coreógrafa nas cidades de Uberaba-MG, Ituverava- SP, Ribeirão Preto-SP, Silvânia-GO, Anápolis-GO e Goiânia-GO.
- Formação: 2) Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Goiás-Unidade Anápolis. Sou professora da Rede Pública Estadual de ensino.
- Na área artística atuei em Teatro na década de 1982-83 na UEU (União Estudantil Uberabense) em Uberaba-MG.
- Atuação em canto-coral na cidade de Ituverava-SP na década de 1996-99 e, em 2018 pela Escola de Música de Anápolis-GO.
- Fui Conselheira Municipal de Cultura da cidade de Anápolis- GO no biênio 2019 a 2020.

Realizei programas pela Rádio Vida FM da cidade de Silvânia-GO, entre 2018 e 2021, que são:

1. Aula de História no Rádio.
2. Programa Bem Viver (de cunho Filosófico, Político, Social e Comportamental)

- Sou membro da LIPHE (Liga dos Pesquisadores e Historiadores do Espiritismo).
- Escrevo artigos críticos-reflexivos como **"A Quadrilha de São João"** que foi publicado (primeiro semestre de 2020) no livro digital: ***O Ensino Aprendizagem face às Alternativas Epistemológicas*** pela Atena Editora (www.atenaeditora.com.br).
- Escrevo, no momento, dois Romances Literários para futuras publicações.
- Sou membro da ULA (União Literária Anapolina).
- Coordeno um trabalho social no nível de voluntariado no município de Silvânia-GO.
- Sou afiliada à UBE-Goiás. União Brasileira de Escritores com sede em Goiânia.
- Escrevo textos críticos-reflexivos para a RIE - Revista Internacional do Espiritismo.


A Médium
e o Cavaleiro
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br
Atena
Editora
Ano 2022



A Médium e o Cavaleiro

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena Editora
Ano 2022